



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

A DIVULGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL DA
LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI: A ANTOLOGIA
GRANTA: OS MELHORES JOVENS ESCRITORES BRASILEIROS

Mestrado em Estudos Portugueses e Românicos

YAN YUE

2024

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre, orientada
pela Professora Doutora Alva Martínez Teixeira

RESUMO

Numa altura em que o Brasil se internacionaliza e a literatura brasileira procura quebrar barreiras linguísticas e chegar ao mundo, o conselho editorial da Granta selecionou e publicou uma coletânea de textos de 20 jovens autores brasileiros, em sintonia com as políticas culturais do novo contexto global.

Os textos literários da antologia foram selecionados por editores experientes de acordo com critérios específicos, numa tentativa de abranger a diversidade de vozes e estilos dos escritores brasileiros emergentes e de apresentar a literatura brasileira através das perspectivas, estilos inovadores e interesses temáticos destes escritores. Esta dissertação analisará as características e particularidades da antologia *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros*, assim como o contexto literário, cultural e editorial em que foi publicada. Igualmente, analisará os textos da referida antologia, comparando as características e os temas das ficções publicadas na coletânea com tendências e fenómenos da literatura brasileira contemporânea, pois grande parte dos textos exploram temas recorrentes na ficção brasileira das últimas décadas, como as questões sociais, a memória histórica, a dicotomia urbano-rural e a identidade.

Assim, pretendemos examinar criticamente a diversidade que a *Granta* apresenta e, ao mesmo tempo, responder às seguintes questões: os textos publicados na antologia são representativos da literatura brasileira contemporânea? Representam a voz da nova geração de escritores brasileiros? A antologia tem tido o efeito de divulgação que se pretendia? Qual o seu grau de internacionalização e influência?

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea, Granta, globalização cultural.

ABSTRACT

At a time when Brazil is going international and Brazilian literature is trying to break down language barriers and reach the world, Granta's editorial board has selected and published a collection of texts by 20 young Brazilian authors, in line with the cultural policies of the new global context.

The literary texts in the anthology were selected by experienced editors according to specific criteria, in an attempt to encompass the diversity of voices and styles of emerging Brazilian writers and to present Brazilian literature through the perspectives, innovative styles and thematic interests of these writers. This dissertation will analyze the characteristics and particularities of the anthology *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros* (Granta: the best young Brazilian writers), as well as the literary, cultural and editorial context in which it was published. It will also analyze the texts in the anthology, comparing the characteristics and themes of the fiction published in the collection with trends and phenomena in contemporary Brazilian literature, since most of the texts explore recurring themes in Brazilian fiction in recent decades, such as social issues, historical memory, the urban-rural dichotomy and identity.

Thus, we intend to critically examine the diversity that *Granta* presents and, at the same time, answer the following questions: are the texts published in the anthology representative of contemporary Brazilian literature? Do they represent the voice of the new generation of Brazilian writers? Has the anthology had the intended dissemination effect? What is its degree of internationalization and influence?

Keywords: contemporary Brazilian literature, Granta, cultural globalization.

AGRADECIMENTOS

A dissertação que submeto para avaliação e obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses e Românicos foi realizada sob a orientação do Professora Doutora Alva Martínez Teixeira, a quem deixo um particular agradecimento pelo interesse demonstrado a respeito do tema do trabalho, pela orientação dedicada em todas as etapas e pelo incentivo, que me permitiu vencer os desafios que enfrentei durante os dois últimos anos letivos.

Agradeço à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por me ter dado a oportunidade de estudar Literatura e ao corpo docente do Mestrado em Estudos Portugueses e Românicos, pelas aulas e os conhecimentos que me transmitiram.

Aos meus pais, irmãs, avós, amigos e colegas um sincero agradecimento pelo seu encorajamento e apoio, que me deram a confiança necessária para concluir a minha dissertação.

ÍNDICE

ÍNDICE	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E A GLOBALIZAÇÃO	11
1.1. Visão geral da literatura brasileira contemporânea	11
1.2. A globalização da cultura e o seu impacto	18
1.2.1. As definições de globalização e de globalização cultural	18
1.2.2. A história da globalização e dos seus efeitos	19
1.2.3. A globalização e as políticas culturais: a importância da antologia na divulgação da cultura brasileira	21
CAPÍTULO II - A ANTOLOGIA <i>GRANTA</i>	24
2.1. A revista literária nacional e internacional <i>Granta</i>	24
2.2. Uma análise cultural e económica da revista <i>Granta</i>	26
2.3. <i>Granta</i> em português	30
2.3.1. A criação de um departamento editorial em língua portuguesa	30
2.3.2. O livro <i>Granta: os melhores jovens escritores brasileiros</i>	32
2.3.3. O apoio à edição de obras de novos autores da língua portuguesa	34
CAPÍTULO III - ANÁLISE LITERÁRIA DA ANTOLOGIA	36
3.1. Apresentação dos autores	36
3.2. Análise literária dos relatos da antologia	54
3.2.1. O espaço nacional e internacional contemporâneo	57
3.2.2. A representação da História recente do Brasil e da América Latina	69
3.2.3. O questionamento da identidade nacional e a representação das minorias	73
3.2.4. Os conflitos familiares	78
CONCLUSÕES	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
WEBGRAFIA	97

GLOSSÁRIO

APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte

APEX - Agência Brasileira de Promoção de exportações e investimentos

CBL - Câmara Brasileira do Livro

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

ISBN - International Standard Book Number

ISSN - International Standard Serial Number

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SESC - Serviço Social do Comércio

SIM - Informações sobre Mortalidade

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira tem uma longa história. Ao longo dos séculos, as culturas europeias, africanas e indígenas misturaram-se umas com as outras, juntamente com as culturas dos imigrantes chegados nos séculos XIX e XX, para criar uma identidade cultural única e multifacetada. Contudo, devido à barreira linguística, a internalização da literatura brasileira é um processo lento e complexo: “Nas últimas duas décadas, poucos autores foram publicados e reconhecidos fora do país” (Feith e Marcelo Ferroni, 2012, p.7).

Dito isto, nos últimos anos têm surgido diversas políticas para promover a divulgação da literatura brasileira no exterior: “[a] partir de 2008, uma parceria entre a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX Brasil) permitiu a criação do programa Brazilian Publishers, cujo objetivo fundamental é ‘a promoção e a divulgação da produção editorial brasileira no mercado global’”. Com essa finalidade, foram adotadas diversas táticas e instrumentos, incluindo, mas não se limitando a, bolsas de tradução e publicação de obras brasileiras no exterior, tal como assinala Villarino Pardo (2012, p.155, p.157).

A antologia analisada no presente trabalho, *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros*, é um exemplo paradigmático dos resultados deste projeto, uma vez que a *Granta* é a revista de ficção mais conhecida do Reino Unido, com uma inegável presença e reconhecimento internacional. Assim, com a colaboração da *Granta* com a Tinta-da-China (Brasil) e a criação de uma redação em língua portuguesa, o estatuto internacional da literatura brasileira ficou muito reforçado. Neste sentido, a publicação do volume *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros* pode ser considerada como o lançamento oficial e a consagração de um grupo de escritores relevantes da literatura brasileira contemporânea no cenário mundial.

Partindo desta ideia, a dissertação pretende examinar criticamente a divulgação

nacional e internacional da literatura brasileira no século XXI, através da análise do volume *Os melhores jovens escritores*. Neste sentido, os principais objetivos do trabalho são os seguintes:

1. analisar os textos literários reunidos na antologia, aprofundando criticamente a diversidade estilística e temática das narrativas.

2. tentar identificar determinados critérios de seleção a partir da análise individual dos textos e, com base nessa atividade de revisão e reflexão crítica, tentar traçar o panorama da literatura brasileira do século XXI apresentado pela antologia.

3. analisar e avaliar, de forma abrangente, se a antologia é representativa da voz da nova geração de escritores brasileiros e se alcançou o efeito de divulgação que se pretendia.

Atualmente, numerosos estudiosos da literatura brasileira concentram as suas pesquisas na literatura do século XXI, tanto através do estudo de obras específicas, quanto de reflexões mais abrangentes. Essas fontes existentes para o estudo da literatura brasileira contemporânea criam uma excelente plataforma para a melhor compreensão e análise dos textos publicados em *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros*.

Portanto, para atingir os objetivos acima referidos, foi consultada a literatura pertinente. Para obter um conhecimento adequado do objeto de estudo, foi feito um levantamento de textos e informações relevantes sobre o contexto histórico e a paisagem social e cultural do país, sobre o processo de desenvolvimento e as características da literatura brasileira, nomeadamente, sobre as características da ficção brasileira do século XXI.

A investigação teve, assim, como propósito central o contacto direto com os textos da antologia, e, igualmente, recorreu aos textos teóricos como apoio para análise da narrativa em questão. Neste sentido, no que concerne à metodologia adotada na elaboração deste trabalho, perante a natureza da investigação e o carácter interdisciplinar do objeto a que se aplica, foi privilegiada no exame e na reflexão a

respeito da antologia uma orientação metodológica eclética. Com esta perspectiva, procuramos entrecruzar conceitos e instrumentos de diferentes áreas – como os Estudos Literários, os Estudos Culturais ou a História –, sempre respeitando a coerência científica que as metodologias aplicadas perseguem.

Tendo em mente esses objetivos, a dissertação foi estruturada em três capítulos principais. O primeiro capítulo, introdutório, começa com uma breve visão geral da literatura brasileira contemporânea. A segunda parte do capítulo I é dedicada ao conceito de globalização. Situada no contexto da globalização, é analisado o impacto que a globalização cultural e as políticas culturais têm tido na literatura brasileira nas últimas décadas, especialmente no que diz respeito à importância das antologias na transmissão da cultura e à sua posição na arena internacional.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de revista e examina a Granta como revista e editora do ponto de vista económico e cultural, salientando também o impacto da editora na consagração dos escritores publicados. Por outro lado, e mais importante, o capítulo aborda a forma como a Granta, enquanto editora de língua inglesa, colaborou com uma editora brasileira e criou um departamento editorial de língua portuguesa, centrando-se na promoção da literatura e cultura de língua portuguesa e na publicação da obra mais importante do departamento editorial de língua portuguesa, *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros*.

O capítulo III é dedicado à análise da antologia. Inicia-se com uma análise multifacetada dos autores publicados nela. Segue-se uma análise específica dos textos da antologia. Nela, são delineados vários aspectos do estilo de escrita dos autores, as características distintivas da sua escrita e as escolhas temáticas.

Como conclusão preliminar, podemos destacar a diversidade estilística e temática dos textos. Relativamente a esta última questão, o exame das narrativas permitiu identificar algumas das questões que mais têm preocupado a sociedade brasileira nos últimos anos e, igualmente, a literatura brasileira do século XXI: o espaço (incluindo a reflexão sobre o espaço urbano e o espaço rural brasileiros, assim como o retrato do estrangeiro), o impacto da história brasileira e latino-americana

(nomeadamente, do período das ditaduras latino-americanas e do período do regime militar brasileiro), o questionamento da identidade nacional (incluindo o estatuto de imigrante e as minorias ou grupos subalternos) e os conflitos familiares.

CAPÍTULO I

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E A GLOBALIZAÇÃO

1.1. Visão geral da literatura brasileira contemporânea

No final do século XX e no século XXI, a literatura brasileira começou a sofrer certas transformações devido a vários fatores.

Em primeiro lugar, os fatores sociais e político, a transformação do Brasil de uma ditadura para um sistema democrático, o início de uma maior autoconsciência cultural entre o povo, a reflexão e a exploração de um contexto multicultural estimularam uma indagação profunda de identidades, histórias e memórias culturais, e a indagação sobre questões sociais, direitos humanos e liberdades tornaram-se o foco das obras literárias.

A violência e os abusos de poder durante a ditadura foram despertando cada vez mais o pensamento intelectual sobre a identidade nacional do Brasil e sobre os males que afetavam o país em particular. Neste contexto, diversos autores brasileiros tentaram reescrever a história do ponto de vista dos oprimidos, transformar a história escrita pelos detentores do poder na história do povo e reexaminar a opressão e a violência que existiam como consequência da desigualdade derivada do domínio imposto pelas elites desde o “descobrimento” do Brasil.

Outro fator que estimulou a mudança, em termos de progresso tecnológico e globalização econômica, liga-se ao advento da era digital e da globalização, que não só alteraram os hábitos de leitura e a forma como as obras são criadas e divulgadas, como também facilitaram as trocas culturais, tendo a literatura brasileira sido marcada por diversas influências estrangeiras, o que levou a uma renovação da sua forma e conteúdo, explorando a singularidade da cultura local e a relevância das questões globais.

Sob a influência desses dois grandes fatores, a literatura brasileira tornou-se mais rica e diversificada e mais presente no cenário internacional. Isso se reflete principalmente nos seguintes aspectos:

1. Diversificação e aprofundamento de temas: a literatura brasileira passou a abordar uma gama maior de temas de modo aprofundado e crítico, incluindo tópicos como a identidade, o gênero, a raça ou o meio ambiente, refletindo as preocupações e discussões da sociedade sobre uma variedade de assuntos;

2. Inovações estilísticas e formais: impulsionados por influências literárias das vanguardas nacionais, globais e novas tecnologias, os escritores brasileiros começaram a experimentar diferentes técnicas narrativas, incluindo as narrações não-lineares, narrativas baseadas no multi-perspetivismo e formas literárias que incorporam tecnologias digitais.

Na literatura pós-moderna brasileira, promove-se, frequentemente, uma estrutura narrativa não linear, fragmentada e polifônica, a incerteza torna-se um importante princípio criativo, sendo o assunto tratado muitas vezes vago e aberto à interpretação, tal como pode ser observado em diversos textos da antologia, que serão analisados na presente dissertação.

3. Mudanças no mercado e na indústria editorial: com a disseminação da Internet e o surgimento dos e-books, o modelo tradicional de publicação mudou. Isso teve um impacto na forma como os escritores publicam seus trabalhos e nos hábitos de leitura dos leitores;

4. Perspetiva internacional: os autores e as obras brasileiras são cada vez mais visíveis no cenário internacional, com muitas obras traduzidas para diferentes línguas e a literatura brasileira absorvendo e refletindo mais a diversidade derivada do processo de globalização.

Se focarmos especificamente o primeiro ponto referido, o da crescente diversificação temática da literatura brasileira, podemos identificar o surgimento ou consolidação de certas tendências literárias:

1. Reflexão identitária e multicultural: o Brasil é um país cuja história é caracterizada pela colonização e por diversos fluxos migratórios. O pano de fundo multicultural derivado desses processos históricos proporciona uma visão ampla para a criação literária. A literatura brasileira contemporânea engloba uma vasta gama de elementos culturais, desde as histórias indígenas e a herança africana até à colonização europeia, e apresenta uma diversidade cultural e uma complexidade social únicas.

2. Crítica social e política: após o fim do governo militar, à medida que a urbanização avançava e o fosso crescente entre ricos e pobres se alargava na sociedade brasileira, as diferenças e a polarização acentuaram-se entre a classe média urbana e os pobres, a polícia armada, os senhores da droga e outros criminosos, e mesmo entre os diferentes grupos das classes mais baixas. Muitos escritores brasileiros contemporâneos têm criticado em suas obras questões sociais e políticas como a desigualdade, a corrupção ou a violência. Através de romances, poemas e peças de teatro, eles refletem a situação atual e os desafios da sociedade brasileira. Tomemos, por exemplo, as obras de Rubem Fonseca (1925-2020) e João Antônio (1937-1996). A obra destes dois autores centra-se nas vozes verdadeiramente populares para evidenciar as disfunções da sociedade brasileira. (Candido, 2023, p. 96)

O início dos anos noventa foi marcado por vários acontecimentos violentos que chocaram o mundo – o massacre do Carandiru, retratado no romance de Dráuzio Varella, a chacina da Candelária no Rio de Janeiro e a Chacina de Vigário Geral (Souza, 2013) –, provocando uma forte perturbação na sociedade brasileira. Esses três massacres tinham algo em comum: os responsáveis eram militares e polícias do governo, enquanto que as vítimas eram prisioneiras, vagabundos e moradores de bairros de lata.

Nesse contexto, graças a obras como *Cidade de Deus*, os habitantes das favelas já não são apenas objetos da literatura, mas sujeitos das suas próprias narrativas. Na viragem do século XX para o XXI, as obras de Paulo Lins ou Ferréz trouxeram

também um novo estilo e discursividade à literatura brasileira, criando uma nova tendência, denominada “literatura marginal” (Schwarz, 1997).

3. Evolução do modernismo para o pós-modernismo: Ao entrarmos no século XXI, a literatura brasileira tem sido fortemente influenciada pela tendência cultural global do pós-modernismo. O pós-modernismo é um movimento cultural, filosófico e artístico que se desenvolveu gradualmente a partir de meados do século XX. Enquanto tendência cultural alargada, não consiste apenas numa mudança no estilo artístico ou na abordagem literária, mas também numa mudança no pensamento filosófico, nas teorias culturais e nos conceitos sociais. O pensamento cultural pós-moderno rejeitou a procura modernista de verdades universais e de grandes narrativas, substituindo-as por uma ênfase na pluralidade, na diferença e na relatividade.

Em 1979, Jean-François Lyotard publicou *A Condição Pós-Moderna*, que foi imediatamente visto como um símbolo do que estava a acontecer no Ocidente. No seu livro, o filósofo francês apresenta uma definição da pós-modernidade:

The postmodern would be that which, in the modern, puts forward the unrepresentable in presentation itself; that which denies itself the solace of good forms, the consensus of a taste which would make it possible to share collectively the nostalgia for the unattainable; that which searches for new presentations, not in order to enjoy them but in order to impart a stronger sense of the unrepresentable. A postmodern artist or writer is in the position of a philosopher: the text he writes, the work he produces are not in principle governed by pre-established rules, and they cannot be judged according to a determining judgment, by applying familiar categories to the text. (Lyotard, 1979, p. 81)

No início do século XX, a literatura brasileira viveu o auge do Modernismo, com ênfase na inovação e na rutura com as formas tradicionais e a adaptação e apropriação das formas de vanguarda. Ao chegar à fase pós-modernista, a literatura estava mais voltada ainda para o ludismo linguístico, a diversidade narrativa e a descentralização temática. Entre as muitas manifestações do pensamento pós-moderno, uma das mais

ligadas à tradição literária brasileira é a desconstrução e a reconstrução discursos históricos ou, mesmo, de textos e obras literárias clássicas brasileiras. Ao contrário da “recontagem” da história com o objetivo de explorar a identidade nacional brasileira, esta reconstrução baseia-se no desmantelamento da autoridade histórica, realizada através de discussões sobre “o que é real” que provocam a ruptura das fronteiras entre passado e presente, realidade e ficção, vida e texto.

4. Recuperação e renovação da literatura regional: a ênfase modernista na literatura brasileira como um todo produziu uma série de romancistas regionais de destaque que criaram obras com características próprias. Muitos escritores exploraram os costumes, o ambiente natural e as mudanças sociais de regiões específicas do país.

Para além dos espaços das grandes cidades, o protagonismo de outros espaços geográficos, como o interior subdesenvolvido e os espaços rurais, imbuídos de um significado sociocultural diferente, oferecem uma perspectiva muito diversa da vida nas grandes cidades. A literatura regionalista, frequentemente retrata estes espaços de uma forma que demonstra a sua singularidade e importância para a vida dos seus habitantes através de pormenores ricos e subtis.

Profundamente influenciados pela geografia da floresta amazónica e pelo ambiente humano e social único da região, alguns escritores exploram temas relacionados com a Amazônia, como os mistérios da natureza, as culturas indígenas e os desafios ecológicos: “de acordo com os dados, essa literatura é livre de exageros folclóricos, com mais fervor de interesse na diversidade do Brasil do que em temas étnicos.” (Schøllhammer, 2009, p. 87) Grande parte dessa literatura centra-se nas histórias dos povos indígenas e na sua sabedoria ecológica, criticando o processo de modernização pela sua alienação da natureza e pelo seu desrespeito pelos direitos dos povos indígenas.

Por outro lado, além da literatura para adultos, uma grande quantidade de obras para jovens leitores começou a florescer, criando oportunidades e plataformas para o fortalecimento da literatura infantil brasileira. “No Brasil, a modernização ocorrida a partir do restabelecimento democrático (1985) também implicou a difusão de novos

valores, mudanças importantes nas formas de vida e um desenvolvimento sem precedentes dos livros para crianças e jovens. Nesse sentido, nas décadas finais do século XX, as narrativas infantis e juvenis passaram a abordar novos temas devido às “mudanças sofridas pela produção editorial de livros para crianças e jovens” (Colomer, 2003, p. 104).

A literatura para jovens não só aumentou rapidamente em número de obras publicadas, como também apresentou variedade e inovação em temas e estruturas narrativas. Ao mesmo tempo, os criadores dessas obras começaram a se destacar no meio literário e deram importantes contribuições para o estudo de novos temas. (Lajolo, e Zilberman, 1984, p. 114)

Uma das principais características da literatura infantil brasileira consiste no facto de não se limitar a proporcionar entretenimento e diversão para as crianças, mas explorar e refletir ativamente sobre questões sociais, como forma de levar as crianças a pensar e compreender a complexidade da sociedade.

A pobreza, o sofrimento, a injustiça, a marginalização, o autoritarismo e o preconceito tornaram-se temas de destaque nessas obras literárias. Por meio de narrativas vívidas e descrições delicadas, os escritores mostram os dilemas e desafios enfrentados pelas crianças diante desses problemas. Ao mesmo tempo, ao retratarem uma variedade de personagens diferentes, mostram também como as crianças lidam com estas questões, encontram as suas próprias vozes e direitos e se esforçam por mudar situações injustas. Nestas obras, o contexto urbano torna-se o palco principal, refletindo o impacto do desenvolvimento económico e das mudanças sociais na vida e na educação das crianças na sociedade moderna. (Lajolo e Zilberman, 1984, p. 140)

Através desta abordagem narrativa questionadora, a literatura infantil brasileira dá às crianças mais liberdade e independência no seu pensamento. Não só dá às crianças a oportunidade de compreenderem e refletirem sobre a sociedade, como também lhes desperta a consciência dos direitos e da justiça, e fomenta o seu pensamento crítico e sentido de responsabilidade social.

Em conclusão, num momento de inevitável globalização da cultura, desde o início do século XXI, a literatura brasileira tem mostrado uma notável tendência para a diversidade. Neste sentido, relativamente ao objeto de estudo da presente dissertação, “[o]s comentários da imprensa e dos responsáveis pela seleção da revista *Granta* são unânimes em confirmar tal pluralidade quando afirmam que “não há convergência estética ou temática” na produção selecionada” (Resende, 2014, p. 4).

De modo a destacar e complementar as tendências anteriormente enumeradas, retomamos as ideias de Beatriz Resende, para quem a produção contemporânea pode ser entendida a partir das seguintes características:

1. A escrita de uma nova literatura democrática que aposta na instituição de um sistema literário mais aberto, que reconhece novas subjetividades e novos atores no mundo da cultura, e na reconfiguração do próprio termo literatura.

2. O deslocamento de muitas narrativas do espaço local e nacional e, igualmente, da tradição literária de afirmação da língua, da nação, dos valores culturais nacionais. Paralelamente à literatura que fala do Brasil, que usa a cor local como valor (rentável) de troca, surge uma literatura que busca se inserir, sem culpa, no movimento dos fluxos globais.

3. A rutura com a tradição realista da literatura, não pelo uso de recursos ou formatos próprios da ficção não realista, como o absurdo ou o realismo mágico latino-americano, mas pela apropriação do real pelo ficcional de formas diversas, com a escrita literária rasurando a realidade que, no entanto, a incorpora. O documental e o ficcional podem conviver na mesma obra, como acontece em outras criações artísticas contemporâneas. (Resende, 2014, p. 5)

Como já foi dito, estas mudanças refletem não só as alterações socioeconómicas e políticas no Brasil, mas também o impacto da globalização, dos avanços tecnológicos e da mudança de perceções culturais na criação literária, bem como as novas necessidades e interesses de escritores e leitores num ambiente social em mudança.

1.2. A globalização da cultura e o seu impacto

1.2.1. As definições de globalização e de globalização cultural

De acordo com a perspetiva de Scholte, a globalização gerou uma alteração na natureza do espaço social:

Globalização é a difusão de conexões transplanetárias entre as pessoas, e mais recentemente, de conexões supraterritoriais. A partir desta perspetiva, a globalização envolve reduções de barreiras aos contatos transmundiais. As pessoas tornaram-se mais aptas: física, legal, cultural e psicologicamente a engajarem-se umas com as outras em um só mundo (Scholte, 2002, p. 14).

Com isto o autor pretende dizer que a utilização do termo "global" implica a redução das limitações geográficas, a quebra das barreiras continentais e linguísticas e a consideração da humanidade e do espaço como um todo, desenvolvendo-se em conjunto. Do ponto de vista económico, a globalização é o resultado do desenvolvimento de mercados transnacionais, que representam a troca entre diferentes países, a interação da procura e da oferta e a interdependência dos produtores e dos mercados. A emergência da globalização foi facilitada pela informatização das sociedades e pelos progressos das tecnologias de comunicação, mas também pelos constrangimentos das políticas protecionistas e pela formação de empresas transnacionais. (Gante, 2016, p. 2) Do ponto de vista cultural, a globalização representa a mistura e diálogo de culturas de todas as partes do mundo e o fenómeno de trocas de costumes sociais e de posições políticas. A globalização teve um impacto profundo no desenvolvimento mundial.

Uma das expressões da globalização é a globalização da cultura. A cultura, juntamente com a economia e a informação, é um campo importante que impulsiona a

globalização de forma contínua. A globalização da cultura é um processo de aproximação das identidades culturais das sociedades, de intercâmbio e de integração através do fluxo de informação, aprofundando assim a proximidade das relações internacionais. Estas trocas culturais globalizadas tornam o mundo mais interligado e aceleram a interação e a influência de diferentes culturas. A globalização das culturas conduziu, em muitos casos, a uma maior compreensão e respeito pelos valores, costumes e tradições de outras sociedades e promoveu o diálogo e a cooperação interculturais. Proporcionou também novas oportunidades e desafios para o desenvolvimento das indústrias culturais e criativas e do turismo, trazendo diversidade e riqueza ao mundo.

1.2.2. A história da globalização e dos seus efeitos

Como é sabido, a história da globalização remonta à época dos grandes navegadores, no século XV, mas só com a Revolução Industrial, no século XVIII, é que começou a desenvolver-se rapidamente e a afirmar-se. A Revolução Industrial e os progressos das tecnologias da informação alimentaram a integração da produção e das atividades económicas à escala mundial (Rubim, 2010, pp. 258-259).

Nas últimas décadas, o surgimento da Internet tornou-se um instrumento essencial para a globalização, com a informação a crescer exponencialmente, espalhando-se e chegando a muitos indivíduos e lugares quase em simultâneo (Melo, 2002, p. 88), levando à noção de aldeia global.

No entanto, o processo de globalização pode levar as pessoas a abandonar a ideia da especificidade cultural e a secundarizar culturas específicas, nacionais, regionais ou locais. De acordo com o modelo teórico de globalização cultural de Crane (2002, p. 1) – ligado à ideia de imperialismo cultural – a mistura de múltiplas culturas conduzirá à homogeneidade e à integração. Embora a intenção original da globalização fosse promover as trocas culturais e, assim, conduzir ao desenvolvimento e ao progresso comuns da sociedade, a proliferação do capitalismo, o individualismo e os padrões consumistas desenfreados, bem como as rápidas

inovações na tecnologia e na ciência, levaram à convergência de múltiplas culturas para a homogeneidade (Lipovetsky, 2011, p. 84). A título de exemplo dos fenômenos que estimulam essa homogeneidade, podemos referir o rápido crescimento do desejo de consumo, que levou à eliminação das limitações geográficas, à disponibilidade de tudo para consumo e compra, a uma mudança de percepção de que o local é o global e o global é o local (Melo, 2002, p. 43), Desta perspectiva, as culturas deixariam de ser distintas, e o multiculturalismo transformar-se-ia em monoculturalismo.

Em suma, a característica central da globalização é a integração global da economia, da informação e da cultura. As causas da globalização, como já foi referido, incluem a revolução industrial e o desenvolvimento das tecnologias da informação, que facilitaram a ligação da produção e das atividades económicas à escala mundial. Ao mesmo tempo, a globalização deu origem a debates sobre o imperialismo cultural, que cria uma tendência para a homogeneização e unificação da cultura a nível mundial. O impacto da globalização é de grande alcance, proporcionando oportunidades de desenvolvimento económico e tecnológico, mas também tornando a diversidade e as diferenças culturais um desafio. A globalização traz colaboração e interação cultural, mas também pode levar à homogeneização cultural e à disseminação do consumismo. A globalização deu maior visibilidade às questões universais e internacionais e redefiniu a relação entre o indivíduo e o mundo. Todos recebem informação ao mesmo tempo e no mesmo espaço, o conteúdo da informação é, frequentemente, o mesmo e os horizontes culturais do indivíduo já não estão limitados pela geografia; diferentes culturas e ideias colidem, misturam-se e fundem-se no mesmo local – a Internet – sem estarem limitadas pelo tempo e pelo espaço. Apesar das críticas, paradoxalmente, Lipovetsky também afirma que a globalização torna possível a diversidade e a heterogeneidade (Lipovetsky, 2011, pp. 81-83) porque não se pode rejeitar as "origens" (Lipovetsky, 2011, p. 90). O filósofo francês elucida esta ideia afirmando que “quanto mais um indivíduo participa nas culturas do mundo, mais precisa de defender a sua própria identidade cultural e linguística”

Desta perspectiva, podemos pensar na situação brasileira. Para desenvolver a sua economia e ajudar a fortalecer o país, o Brasil participa nos mercados internacionais, o que também promove a globalização da cultura brasileira.

Como é sabido, o Brasil é uma das nações mais multiculturais e etnicamente mais variadas, devido à diversidade ameríndia, ao processo de colonização e a mais de um século de imigração em massa de pessoas de todo o mundo. Os vários projetos de cooperação internacionais dão importância à cultura e também à literatura, influenciada por tendências e fenômenos internacionais. Porém, tal como mencionado acima, muitas obras dão grande ênfase a questões relacionadas com a etnia, a heterogeneidade, a regionalidade e a reflexão sobre o nacional.

Segundo Crane, a globalização cultural é um tipo de globalização deliberada: “cultural globalization is a process that involves competition and negotiation as organizations and countries attempt to preserve, position, or project their cultures in global space” (Crane, 2002, p. 4).

No caso do Brasil, tal como acontece na maioria dos outros países, existe o objetivo de divulgar e promover a cultura brasileira no mundo, e a globalização cultural é uma estratégia cultural através da qual isto se pode conseguir. A antologia traduzida estudada nesta dissertação é um bom exemplo da promoção da cultura nacional num mundo globalizado e de preservação da diversidade face à ameaça de homogeneização.

1.2.3. A globalização e as políticas culturais: a importância da antologia na divulgação da cultura brasileira

De acordo com a visão de A. Rubim sobre as políticas culturais e os novos desafios, a cultura é o fim e a política apenas um recurso para atingir esse fim (Rubim, 2010, p. 250).

Conforme os modelos de estudo da globalização cultural de Crane (2002, p. 2) e Kellner (1990b, p. 269), entendido como um dos ramos dos Estudos Culturais, o exame da globalização cultural organiza-se em duas áreas principais: a orientação

cultural imperialista e a orientação da subcultura. Muitos estudiosos privilegiam a primeira área de investigação, que permite refletir sobre a situação social contemporânea da globalização cultural e o risco de o poder ficar nas mãos de poucos, pois, tal como foi referido anteriormente, “cultural globalization is a process that involves competition and negotiation as organizations and countries attempt to preserve, position, or project their cultures in global space”. (Crane, 2002, p. 4)

Obviamente, a hegemonia cultural liga-se profundamente ao denominado imperialismo cultural, que pode resultar em aculturação e adaptação acrítica das culturas dominantes. Um bom exemplo disto é a influência da cultura americana, sentida no Brasil e, de modo mais geral, no Ocidente, como uma ameaça durante décadas.

Para eliminar a ameaça representada pelo denominado imperialismo cultural e procurar a democracia cultural, foram construídas redes culturais, através da criação de consórcios internacionais e formas de cooperação regionais e nacionais, que garantam a diversidade cultural. Assim, a fim de preservar, posicionar, ou projetar as suas culturas no espaço global, todos os países desenvolvem políticas culturais estratégicas, competindo, mas ao mesmo tempo também cooperando uns com os outros. Com esse fim foi criada a UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que tem o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a preservação e divulgação da cultura, o património e o conhecimento em diversas áreas. Neste sentido, a globalização cultural tornou-se “um processo que está a aumentar o diálogo internacional, a fortalecer as minorias, e a construir uma solidariedade progressiva” (Curran e Park, 2000, p. 10, *apud* Crane, 2002, p. 9).

Desta perspetiva compreendemos o interesse da revista inglesa *Granta* em traduzir e publicar uma antologia de jovens escritores brasileiros, com a finalidade de divulgar e dar maior visibilidade à literatura brasileira contemporânea, situada numa posição ainda periférica no espaço da denominada cultura ocidental. Poder-se-ia dizer que esta antologia é resultado, em parte, da globalização cultural. Dentro desta obra, podemos

observar o encontro entre diferentes culturas e línguas. Isto é evidente a partir da formação do júri responsável pela seleção dos relatos publicados. De acordo com o prefácio da antologia, “nossa ideia era montar uma equipe de jurados altamente qualificada, editorialmente independente e que reunisse pessoas de diferentes áreas da cena literária” (Feith e Ferroni, 2012, p. 7).

Assim, além dos cinco prestigiados autores e professores brasileiros, Beatriz Bracher, Cristovão Tezza, Samuel Titan, Manuel da Costa Pinto e Italo Moriconi,

Granta inglesa sugeriu o sexto nome, o norte-americano Benjamin Moser, biógrafo de Clarice Lispector, também tradutor e escritor. Sua visão “externa” enriqueceu o processo de escolha dos autores. Da Editora Objetiva veio o sétimo jurado, Marcelo Ferroni, editor da Alfaguara, escritor e um dos coordenadores desta Granta. (Feith e Ferroni, 2012, p. 7)

Portanto, a importância desta antologia na divulgação da literatura brasileira de hoje não pode ser negligenciada.

Em primeiro lugar, porque a obra nos permite compreender, em certa medida, a literatura brasileira contemporânea. Como Roberto Feith e Marcelo Ferroni consideraram, “[o] Brasil vive um momento especial na literatura” (2012, p. 7), visto que devido a barreiras linguísticas, poucos autores foram publicados e conhecidos fora do país no século XXI. Assim, a antologia estimula a divulgação da obra dos jovens escritores da literatura brasileira nos diversos espaços nacionais e culturas em língua portuguesa e a sua tradução permite o acesso ao leitor não falante de português a um *corpus* restrito, mas representativo, de relatos brasileiros contemporâneos, que podem constituir uma boa porta de acesso à literatura brasileira.

Neste sentido e em segundo lugar, a antologia também pode ser entendida como um canal para conhecer o Brasil, particularmente, para aprender mais sobre certos componentes da cultura brasileira, incluindo a sua composição histórica, etnográfica, regional e étnica, costumes e tradições.

CAPÍTULO II

A ANTOLOGIA *GRANTA*

2.1. A revista literária nacional e internacional *Granta*

A *Granta*, fundada em 1889 por estudantes da Universidade de Cambridge, é a principal revista de literatura do mundo. O seu nome deriva de um rio de Cambridge. Inicialmente era uma revista estudantil, com publicações basicamente dedicadas à política estudantil e à publicação de textos literários dentro do espaço universitário. Foi só em 1979 que dois sócios, Bill Buford e Peter de Bolla, a transformaram de uma publicação estudantil num trimestral literário comercializado oficialmente. Em 1989, foi criada a Granta Books, principalmente para publicar livros, tornando-se em 1997 uma editora. Embora tenha sido adquirida pela editora Sigrid Rausing em 2005, desde então tem vindo a alargar o seu catálogo e a garantir a qualidade dos conteúdos que publica. (Francisco, 2021, p. 131)

De acordo com o site da *Granta*, “Granta Books now publishes around thirty new titles a year, providing authors with the intimacy of a small, passionate and creative team while consistently punching above its weight in review coverage, prizes, cultural impact and sales” (Granta about).

Atualmente, a *Granta* é uma revista literária com influência e reconhecimento internacional. O seu objetivo é respeitar o seguinte princípio editorial “to publish ‘only writing we care passionately about’” (Granta about). Normalmente com um tema fixo para cada número, os textos se publicam por duas vias, uma revista periódica e a Granta Books, que publica uma coleção de obras literárias sobre o mesmo tema, bem como uma coleção de jovens escritores de destaque do mesmo país. Assim, “[e]ach themed issue of *Granta* turns the attention of the world’s best writers on to one aspect of the way we live now” (Granta about). Deste ponto de vista, pode ver-se que a *Granta* documenta o desenvolvimento da história literária nos últimos anos, mas também é um espelho que capta a construção da contemporaneidade e as

mudanças da ideologia social e da consciência humanista.

Além disso, é também internacional e crítica. Como referido no artigo de Vila Body, a literatura da *Granta* é crítica, tendo mesmo sido rotulada de "rebelde contra a opressão". Neste mesmo sentido, Sugnet afirma que “Granta assumes easily that writing is international, and that it is, or should be, political. As Buford puts it in the preface to *Granta* #6, “A Literature for Politics,” Granta seeks "a literature that is an adversary to oppression and not an accomplice to it"”. (Sugnet, 1991, p. 70)

Outra expressão importante do seu carácter internacional é a publicação de coleções de literatura juvenil de vários países. A publicação bem-sucedida destas antologias está indissociavelmente ligada à missão da fundação do proprietário da *Granta*, a Granta Trust, de apoiar a escrita emergente, tal como é referido no *site* da Charity Commission of Granta Trust: “The charity is formed for the purpose of (a) the advancement of the literary arts in particular by the promotion of new and emerging writing; (b) the advancement of education through the promotion of literary and literacy cultures in the United Kingdom and around the world”.

É por esta razão que a *Granta* se concentra mais em jovens escritores, está empenhada em descobrir vozes novas e diferentes e tem uma perspectiva internacional, com um júri composto por figuras literárias e profissionais internacionais e nacionais relevantes, tais como autores premiados, professores de literatura, jornalistas ou tradutores. O facto de a *Granta* se centrar em jovens escritores e a sua dimensão internacional fizeram da sua série *Best of Young Adults* uma das publicações mais populares e procuradas em numerosos países. É seguro dizer que os autores que aparecem no *Best of Young Adult Literature* da *Granta* são reconhecidos pela comunidade literária internacional, e as suas obras são traduzidas para muitas línguas e divulgadas em todo o mundo. Numa entrevista ao *New York Times*, o romancista Richard Russo disse: “Early in my career being in *Granta* not only made me feel like I was riding on the coattails of some really important writers and being welcomed into the family, but stepped up my reputation and gave me some name recognition” (Rohter, 2012).

Atualmente, a *Granta* publica antologias dos melhores jovens escritores dos Estados Unidos, do Reino Unido, do Brasil ou de Espanha, traduzindo-as para várias línguas, trazendo para o mundo ideias e pensamentos de diferentes países, visões do mundo e perspectivas.

É claro que a *Granta* se tornou uma revista influente não só devido à sua originalidade literária e ao seu poder emergente, mas também devido à publicação de escritores influentes e até de vencedores do Prémio Nobel, como Milan Kundera, Salman Rushdie e Orhan Pamuk.

2.2. Uma análise cultural e económica da revista *Granta*

A knowledge economy has been defined as one in which the generation and exploitation of knowledge has come to play the predominant part in the creation of wealth. It is not simply about pushing back the frontiers of knowledge; it is also about the more effective use and exploitation of all types of knowledge in all manner of economic activities. (Houghton e Oppenheim, 2010, p. 41)

Poder-se-ia argumentar que o lançamento da *Granta* é, na verdade, um ato de economia do conhecimento, tal como definida por Houghton e Oppenheim. Como já foi referido, a *Granta* começou por ser um periódico publicado por estudantes, centrado na política, em diálogos espirituosos e em textos literários ou sobre literatura, tais como contos, poemas e resenhas. Nessa altura, a revista podia ser descrita como uma publicação sem fins lucrativos cujo objetivo era promover as ideias dos estudantes universitários ou promover o *ethos* do campus e aumentar a reputação e o prestígio na universidade dos autores que nela publicavam.

Numa fase posterior, a revista, além desses propósitos, passa também a proporcionar uma riqueza considerável aos editores e escritores.

Ao longo da sua existência, a *Granta* passou por duas grandes crises económicas, uma em 1979, quando enfrentou o encerramento devido à falta de interesse dos

estudantes e de submissões, mas, finalmente, foi reorganizada e transformada numa revista comercial para a comunidade. A segunda vez foi em 2005, quando foi comprada pela editora Sigrid Rausing, que felizmente manteve e alimentou a internacionalização da revista. (Garfield, 2007)

Depois disso, as operações da *Granta* estavam, sem dúvida, no bom caminho e em expansão. Por volta de 2012, quando a revolução da informação estava em plena expansão, a *Granta* adaptou os seus métodos de venda, eliminando a versão gratuita e passando a ser vendida pelo menos de quatro formas: impressa, como livro eletrónico, como aplicação e no seu sítio Web. A digitalização dos livros conduziu a um aumento do número de pessoas que a leem e, indiretamente, a um aumento do interesse de alguns leitores pelas publicações em papel. Esse sistema de vendas diversificado permitiu acumular capital suficiente para continuar a apoiar o Programa de Escritores Emergentes e a publicar livros em papel. No Reino Unido, a edição de maior sucesso comercial da *Granta* foi a edição de 2010, dedicada ao Paquistão, que vendeu mais de 50 000 exemplares. As vendas de livros também cresceram, colocando a *Granta* numa posição financeira mais forte do que aquela em que se encontrava antes do início da Grande Recessão em 2008.

Em termos de cultura, há dois aspetos a explorar. Por um lado, há revistas trimestrais e artigos na Internet sobre o mesmo tema. A sua expressão literária é multifacetada, englobando ficção, poesia, mas também ensaios ou reportagens: “Os textos que a compõem têm valor pela sua qualidade literária, independentemente do género – ficção, ensaio, reportagem ou outro. A importância dada à escrita, à sua forma, é maior do que a que habitualmente se dá num jornal. Haverá ainda textos inéditos de autores que já morreram, bem como ensaios fotográficos” (Sobre a *Granta*: *Granta em Língua Portuguesa*).

Autores e artistas de diferentes países reúnem-se aqui para expressar as suas opiniões e pensamentos sobre questões sociais, políticas, culturais e económicas, bem como os seus sentimentos e experiências pessoais e para explorar as possibilidades da arte contemporânea. As diferentes formas de cultura criam condições para que o

público compreenda profundamente a arte, satisfazem as necessidades espirituais e intelectuais de diferentes públicos e contribuem para o desenvolvimento da cultura. O formato multilingue e o sector multilingue ajudam as pessoas de todo o mundo a compreender melhor o seu próprio país, outras culturas e a cultura mundial.

Assim, por exemplo, na coleção “Best Young Writers”, a respeito da coleção “Best Young Adult” do Reino Unido pode argumentar-se que os escritores utilizam os seus diferentes estilos de escrita para dar ao mundo um vislumbre da sociedade britânica a todos os níveis, representando as condições sociopolíticas, culturais e económicas em rápida mutação da Grã-Bretanha contemporânea, através das suas representações da vida, dos ambientes e das paisagens, tanto no campo como na cidade. Em relação a este aspecto, de facto, não é apenas no Reino Unido, mas nas melhores séries para jovens adultos dos EUA, Espanha e Brasil, que a ficção tem desempenhado um papel importante na formação da nossa imagem global da cidade. As representações da cidade na ficção contemporânea têm um papel intrínseco na facilitação e compreensão dos encontros com a urbe, recordando aos leitores o seu próprio papel no envolvimento com as realidades e os futuros do espaço urbano.

Com o lançamento subsequente da popularíssima série *Best Young Writers*, a Granta tornou-se uma presença na lista de publicações mais relevantes do mundo literário e, como diz o editor John Freeman, os editores da Granta passaram a ver as edições em língua estrangeira “not as franchises, but as scouts”. Isto também criou um rendimento lucrativo para a Granta Books, o braço editorial da revista, que contrata escritores promissores que encontra, orientando-os para que criem trabalhos ainda mais relevantes. (Rohter, 2012)

No entanto, é precisamente por causa do seu programa de desenvolvimento de escritores que a *Granta* tem enfrentado alguma controvérsia. Tem-se argumentado que a *Granta* é algo tendenciosa e injusta na sua seleção de escritores, impedindo que as vozes de certos autores sejam plenamente apreciadas.

O ano de 2023 coincide com o anúncio da segunda edição da lista dos melhores jovens escritores do Reino Unido, que, de acordo com os comentários publicados por

James Waddell, ele considera irracional, uma vez que os resultados literários da *Granta* estão ligados às suas atividades económicas e os escritores pré-selecionados trabalharam mais ou menos com a *Granta* ou estiveram associados a ela. (Waddell, 2023)

De um modo geral, a *Granta* continua a ser muito respeitada e a sua posição é inatacável, mas até os próprios escritores selecionados têm interpretações diferentes dos critérios de avaliação.

Segundo Derek Owusu, que foi selecionado como um dos *Britain's Best Young Writers 2023*, afirmou numa entrevista à *GQ Magazine* que, embora estar na lista ajude a lançar as carreiras de escritores que, de outra forma, teriam dificuldade em ser notados, o interesse da publicação está mais na sua influência e "importância" na forma e direção da literatura britânica. Alguns críticos veem os escritores da lista como inexperientes (jovens), auto-depreciativos e disruptivos num sentido negativo, pois os seus textos não apresentam uma continuidade significativa com a literatura anterior. Além disso, a questão da etnia e da identidade dos escritores tornou-se um ponto de discórdia. Alguns consideraram que a *Granta* não teve devidamente em conta a representação multicultural e multirracial ao selecionar os escritores, o que fez com que as vozes das minorias não fossem suficientemente ouvidas e reconhecidas.

Enquanto homem negro da classe trabalhadora, Derek Owusu quer que o seu trabalho seja valorizado e compreendido, mas, do seu ponto de vista, a lista da *Granta Literature* não o ajuda plenamente a obter o respeito que merece, e muito menos a atingir esse objetivo. (Owusu, 2023)

Apesar de alguma controvérsia, é inegável que a *Granta Magazine* tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento e promoção da literatura. Ao promover jovens escritores e ao tentar quebrar os limites do mundo literário tradicional, injectou novo vigor e estimulou a inovação na literatura mundial. Ao mesmo tempo, a transformação comercial da *Granta Magazine* adaptou-se às necessidades da era da economia do conhecimento, proporcionando novas oportunidades e possibilidades para o desenvolvimento económico da literatura.

De um modo geral, a literatura da *Granta* é económica e culturalmente importante, tanto no Reino Unido como no mundo, contribuindo para a popularização do conceito de economia do conhecimento, bem como para a economia literária mundial. Do ponto de vista cultural, a *Granta Magazine* oferece aos leitores uma vasta gama de conteúdos culturais, incluindo literatura, fotografia, arte, podcasts, ou conversas, entre outros. Divulga ao mundo as reflexões dos autores sobre a vida, a sociedade a arte e as suas perspetivas únicas através da publicação de obras de diversos países, da descoberta e promoção de novos artistas, escritores e eventos culturais.

No plano económico, a *Granta Magazine* atraiu a atenção dos anunciantes e dos leitores através do sucesso do seu modelo de negócio e da inovação da sua estratégia de *marketing*, com conteúdos de alta qualidade e uma equipa editorial profissional. Ao expandir as plataformas de meios de comunicação digitais e os canais de venda em linha, aumentou os seus leitores e a visibilidade e acessibilidade da revista. O sucesso comercial da *Granta Magazine* está indissociavelmente ligado aos valores da sua marca e à singularidade do seu conteúdo. A revista é conhecida pela sua independência e pela divulgação de textos, perspetivas e pontos de vista únicos que ajudam os leitores a compreender melhor e a envolver-se em certas mudanças culturais e económicas dos nossos dias, graças à sua vontade de situar-se na vanguarda da literatura contemporânea.

2.3. *Granta* em português

2.3.1. A criação de um departamento editorial em língua portuguesa

Tal como explicava numa entrevista ao *The Guardian*, em 2012, a então editora Sigrid Rausing, que fundiu as edições dos Estados Unidos e do Reino Unido numa única edição para o mercado global, a *Granta* reinventou-se como uma marca global, oferecendo publicações em espanhol, búlgaro, português, norueguês, sueco e até

chinês, em parceria com 99 editoras em Xangai. (McCrum, 2012)

No mesmo ano, a Tinta-da-China Brasil foi criada por Bárbara Bulhosa e outros sócios, publicando a série O Melhor da Juventude Brasileira em colaboração com a *Granta* (Sobre nós: Tinta-da-China Brasil). Foi só em 2013 que a *Granta* estabeleceu oficialmente um departamento editorial em língua portuguesa em Portugal, separando-se da edição do Reino Unido e começando a criar uma edição em língua portuguesa com seleções independentes, exclusivamente para cidadãos de países de língua portuguesa. Em 2018, as duas revistas, a versão brasileira da *Granta* e a versão portuguesa da *Granta*, fundiram-se numa só, dando origem à *Granta em Língua Portuguesa*, uma revista literária semestral e co-editada por Pedro Mexia (Portugal) e Gustavo Pacheco (Brasil) (Sobre a Granta: Granta em Língua Portuguesa). Neste sentido, “alargar uma revista literária ao espaço lusófono significa aceder a um imenso manancial de novos autores, desencadeando uma troca intercontinental.” (Comunidade Cultura e Arte, 2018).

A expansão da revista literária para o espaço lusófono implicou, portanto, a integração de um grande número de novos autores, desencadeando assim intercâmbios entre os países de língua portuguesa.

Desde o início, ficou claro que a simples tradução da literatura inglesa e americana para as línguas nacionais não permitiria à *Granta* tirar o máximo partido da sua posição literária. A criação de sucursais teve, sem dúvida, um efeito mais vasto, tanto do ponto de vista financeiro, como do ponto de vista do prestígio. O facto de os conselhos editoriais de cada país poderem produzir revistas literárias sob o nome *Granta*, não só tornou o conteúdo das revistas mais interessante para os leitores e aumentou as vendas, como também expandiu a reputação da *Granta* e fez dela uma revista literária verdadeiramente internacional, suficientemente inclusiva para permitir a diversidade de culturas, mas suficientemente unificada para publicar livros em todas as línguas, como a série *Best Young Adult*.

A fusão das edições portuguesa e brasileira é um bom exemplo do carácter eclético e internacional da *Granta* e representa um passo para uma nova fase. Em

termos de língua, ambos os países utilizam o português, mas existem ligeiras diferenças na pronúncia, na sintaxe e no vocabulário, o que também se aplica a outros países lusófonos. É por isso que a versão portuguesa da *Granta* adoptou o nome *Granta em Língua Portuguesa*, que mostra tanto as semelhanças linguísticas como as diferenças, que são as almas de países diferentes que se encontram e ressoam umas nas outras. (Francisco, 2021, p. 135) Neste cenário, a “*Granta em Língua Portuguesa* aproxima-nos e diferencia-nos a língua – simultaneamente a mesma e outra, consoante o lugar de origem. Em português nos des/entendemos”, escreve o diretor da revista Carlos Vaz Marques (Comunidade Cultura e Arte, 2018). É claro que, nessa fusão, as características de cada escrita são preservadas, tanto em termos de ortografia como de estilo linguístico: a “*Granta Portugal* passa agora a ser *Granta em Português*, mas cada autor terá a sua autografia respeitada, pois acredito ser a única forma de desmontar a barreira entre a literatura dos países de língua portuguesa”, diz Barbara Bulhosa, editora da Tinta-da-China. (Torres, 2017)

2.3.2. O livro *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros*

Desde 1983, a *Granta* tem vindo a apresentar a já referida série *Best Young Writers*. Ela começou com o *Britain's Best Young Writers*, destinada a publicar os jovens escritores de cada ano, que, de modo geral, passaram a brilhar no panorama literário das décadas seguintes, com muitos dos autores a serem consagrados ou, no mínimo, conhecidos. A publicação da série tornou-se, então, uma prática da *Granta*, com a lista dos Melhores Jovens Escritores a ser actualizada de dez em dez anos. O sucesso da série levou a *Granta* a lançar o *Best Young Adults* nos Estados Unidos, o *Best Young Adults* em Espanha e, em 2012, a uma tentativa de lançar o *Best Young Adults* no Brasil, trazendo, sem dúvida, algumas das mais importantes vozes jovens destes países para o palco mundial.

Naturalmente, o lançamento da série *Best of Brazilian Young Adult* foi promovido pelas autoridades brasileiras, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento da indústria editorial brasileira no mercado global e contribuir para a profissionalização da editora brasileira, pelo que se pode dizer que foi um esforço

conjunto:

In order to stimulate knowledge about Brazilian contemporary literature, Brazilian Publishers – an industry project that promotes the exports of Brazilian editorial content through a partnership between the Brazilian Book Chamber (CBL) and the Brazilian Trade and Investment Promotion Agency (Apex-Brasil) – created the series “Brazilian Authors”, which brings information about contemporary Brazilian writers. (Brazilian Publishers, 2018)

Os critérios de seleção para o Melhor Jovem Escritor são, de facto, muito rigorosos. No caso do Melhor Jovem Escritor do Brasil, por exemplo, os escritores pré-seleccionados deviam ter menos de 40 anos de idade, ter publicado pelo menos uma obra e na candidatura devia ser proposta uma obra inédita: “Segundo o editor Marcelo Ferroni, puderam participar escritores nascidos a partir de 1972 que tivessem publicado pelo menos um texto em meio impresso. Eles tiveram de enviar contos inéditos ou trechos, também inéditos, de um romance.” (O Estado de São Paulo, 2012)

Considerada a mais importante antologia brasileira do século XX, a coletânea representa a estreia oficial no cenário mundial de uma jovem geração de vozes literárias brasileiras:

“Esta é uma coleção vibrante, com um estilo muito diferente e moderno”, afirmou Roberto Feith, diretor da Objetiva, segundo *O Estado de S.Paulo*, proprietário da marca Alfaguara. Ela cumpre seu principal objetivo, que é apontar o grande número de escritores que vão construir o cenário literário brasileiro na próxima década. (O Estado de São Paulo, 2012)

O apoio de iniciativas como esta é, naturalmente, um dos passos mais importantes na estratégia de globalização do Brasil, que consiste em quebrar as barreiras linguísticas, dar a conhecer ao mundo a situação atual da sociedade brasileira e divulgar a cultura brasileira moderna, bem como demonstrar a força da

economia nacional e a confiança no seu futuro como potência mundial.

2.3.3. O apoio à edição de obras de novos autores da língua portuguesa

Como afirmam os editores Roberto Feith e Marcelo Ferroni em sua introdução, nos últimos anos a excelente literatura brasileira não tem sido amplamente divulgada para o mundo, pois, retomando uma citação reproduzida anteriormente, “[o] Brasil vive um momento especial na literatura. Nas últimas duas décadas, poucos autores foram publicados e reconhecidos fora do país. Os motivos eram diversos: de uma suposta literatura difícil às barreiras da língua.” (Feith e Ferroni, 2012, p. 7)

Embora o português seja considerado a sexta língua mais falada no mundo, não é uma das línguas mais traduzidas para o inglês, a língua, poderíamos dizer, hegemônica no cenário cultural internacional. O número dos seus falantes nativos é inferior ao do espanhol, que é também uma língua românica. No caso das literaturas em língua espanhola, a vastidão da América Latina permitiu que as literaturas latino-americanas ganhassem uma posição extremamente importante no cenário internacional, diferentemente da difusão muito limitada da literatura brasileira.

No entanto, isso não significa que a literatura de língua portuguesa esteja a ficar numa posição totalmente periférica. Há muito que o Brasil está ciente deste problema e tem tentado ativamente melhorar a situação. Por volta de 2010, muita literatura brasileira foi traduzida para o inglês para ser vendida e divulgada nos Estados Unidos. Na edição virtual do jornal britânico *The Guardian*, Ángel Gurría-Quintana (2014) declara que “vivemos um momento promissor para a escrita brasileira em tradução”. Não foram apenas as versões para o inglês de algumas obras contemporâneas brasileiras, como as retraduições das obras de Lispector – para não mencionar as obras de Paulo Coelho –, que despertaram o interesse dos leitores americanos e até de um público internacional e tornaram ainda mais forte o desejo de conhecer a literatura brasileira. Como Roberto Feith e Marcelo Ferroni argumentam em suas análises, a economia próspera de então e a sempre vibrante música brasileira são fatores que contribuem para que o Brasil (e a literatura brasileira) atraia a atenção internacional nos primeiros anos do século XXI (Antunes, 2018). É claro que a prosperidade dessa

época se deve, em parte, à ascensão das redes sociais e, em parte, à organização dos Jogos Olímpicos, que tiveram lugar no Rio em 2014.

Enfim, nesse contexto, de acordo com um estudo de Cinara Valim de Melo foram publicadas vinte e sete traduções entre 2010 e 2014 (2017), o que se aproxima do número total de traduções publicadas nos anteriores dez anos, e esse aumento deveu-se também ao facto de os escritores terem conseguido aceder ao mercado estrangeiro. Igualmente, esse aumento também é resultado dos prêmios que esses autores têm recebido no Brasil e no exterior, do trabalho de agentes literários, tradutores e editores, e da participação do Brasil em festivais e feiras literárias internacionais.

A publicação deste livro levou a literatura brasileira ao mundo e, por outro lado, reforçou a identidade e especificidade da literatura brasileira no plano internacional. O Brasil é, do ponto de vista cultural, um país muito especial e complexo, pois nos aproximadamente 300 anos que o Brasil esteve submetido a um estado de colonização, pode-se dizer que a sua literatura foi influenciada pela literatura europeia. Mesmo na altura do surgimento da literatura nacional na fase pós-independência revelou as dificuldades de se livrar da sombra da literatura europeia, porque o surgimento da escrita fora introduzido e promovido pelos europeus. A cultura brasileira moderna, por sua vez, foi fortemente influenciada pelos Estados Unidos, cuja hegemonia é, naturalmente, visível em todo o mundo. A possível homogeneização que pode resultar da globalização da cultura foi explorada no Capítulo I e será abordada mais pormenorizadamente no capítulo seguinte. Iniciativas como a publicação estudada nesta dissertação podem ser entendidas como uma resposta a essa ameaça da homogeneização cultural, pois o lançamento da *Granta. Os melhores jovens escritores brasileiros* têm um significado diferente. Esses jovens escritores representaram o surgimento de uma nova geração literária, a partir de cuja obra já é possível começar a delinear os contornos da literatura brasileira no século XXI. A busca do detalhe e o desenho cuidadoso e complexo dos enredos e dos personagens nesta coleção demonstram a sólida habilidade e a diversidade de estilos dos escritores brasileiros

contemporâneos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE LITERÁRIA DA ANTOLOGIA

3.1. Apresentação dos autores

Como já foi referido, esta antologia é composta por textos de vinte escritores jovens, alguns dos quais já se afirmaram anteriormente no mundo literário e alcançaram um certo sucesso como representantes da nova geração de ficcionistas brasileiros, enquanto que outros eram desconhecidos, sendo a publicação desta antologia um instrumento essencial para a divulgação nacional e internacional do seu trabalho.

A este respeito, é importante referir que a coleção no seu conjunto não é obscura e é facilmente compreensível para o leitor brasileiro, mas também para o leitor estrangeiro, pois não surgem muitas imagens, metáforas ou símbolos culturais que só os leitores nacionais possam compreender.

A seguir, antes de iniciar a análise da antologia, apresentamos de modo sintético os 20 autores que participaram na publicação e as suas obras mais importantes:

No.	Título e autor	Biografia do autor, obras relevantes e prémios
1	“Animais”, de Michel Laub	Autor Michel Laub nasceu em Porto Alegre, em 1973. Escritor e jornalista, foi editor-chefe da revista <i>Bravo</i> , coordenador de publicações e internet do Instituto Moreira Salles e colunista da <i>Folha de S. Paulo</i> e do <i>Globo</i> . Hoje é colunista do <i>Valor Econômico</i> e colaborador de diversas editoras e veículos. Publicou diversos romances, todos pela Companhia das Letras Obras 2001 - <i>Música Anterior</i> , Companhia das Letras.

		<p>2004 - <i>Longe da água</i>, Companhia das Letras. 2011 - <i>Diário da queda</i>, Companhia das Letras. 2020 - <i>Solução de dois Estados</i>, Companhia das Letras. 2024 - <i>Passeio com o gigante</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2005 - Portugal Telecom/Oceanos, finalista. 2012 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista. 2104 - Prêmio Jabuti, segundo lugar. 2016 - Dublin International Literary Award, finalista.</p>
2	<p>“Aquele vento na praça”, de Laura Erber</p>	<p>Autora Laura Erber nasceu no Rio de Janeiro em 1979. Foi professora de Teoria e Cultura da Arte na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO) durante 9 anos, e professora visitante na Universidade de Copenhaga e na Universidade Católica Portuguesa. É também co-fundadora e editora da Zazie, uma editora independente, sem fins lucrativos, que divulga textos de teoria crítica em português, utilizando um modelo de acesso aberto. É a nova Coordenadora do Programa de Bolsas do IIAS. Além de escritora, é uma importante artista. Os seus trabalhos foram exibidos no Centre Pompidou ou no Moscow Museum of Modern Art, entre outros.</p> <p>Obras 2008 - <i>Os corpos e os dias</i>, Editora de Cultura. 2013 - <i>Esquilos de Pavlov</i>, Alfaguara. 2022 - <i>O artista improdutivo</i>, Editora Âyiné.</p> <p>Prêmios 2001 - “Campo Geral”, Prêmio Nova Fronteira 2019 - Prêmio Jabuti, finalista (categoria Poesia). 2014 - Prêmio Jabuti, finalista (categoria Romance). 2014 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p>
3	<p>“Antes da queda”, de João Paulo Cuenca</p>	<p>Autor João Paulo Cuenca é um escritor e cineasta argentino-brasileiro nascido no Rio de Janeiro, Brasil. <i>A Morte de J.P. Cuenca</i> (2016), adaptação cinematográfica de <i>Descobri que estava morto</i>, é a sua primeira longa-metragem como argumentista e realizador e fez parte do primeiro Laboratório de Produção Universitária do Festival de Veneza. Estreou no Brasil nos Festivais Internacionais de Cinema do Rio e de São Paulo e na</p>

		<p>Europa no prestigiado CPH:DOX na Dinamarca.</p> <p>Obras 2003 - <i>Corpo presente</i>, Companhia das Letras. 2010 - <i>O único final feliz para a história de amor é um acidente</i>, Companhia das Letras. 2011 - <i>A última madrugada</i>, Leya. 2016 - <i>Descobri que estava morto</i>, Tusquets.</p> <p>Prêmios 2015 - Dublin International Literary Award, finalista. 2017 - Prêmio Literário Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional.</p>
4	“O que você está fazendo aqui”, de Luisa Geisler	<p>Autora Luisa Geisler tem um mestrado em Processo Criativo (National University of Ireland) e outro em Literatura e Cultura Brasileira (University of New Mexico). É autora brasileira de ficção e tradutora literária de inglês para português. Participou em projectos artísticos e literários na Serpentine Gallery em Londres, no Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, no Museo Jumex em Ciudad de México e nos D-Light Studios em Dublin.</p> <p>Obras 2010 - <i>Contos de mentira</i>, Record. 2011 - <i>Quiçá</i>, Alfaguara. 2014 - <i>Luzes de emergência se acenderão automaticamente</i>, Alfaguara. 2018 - <i>De espaços abandonados</i>, Alfaguara.</p> <p>Prêmios 2012 - Prêmio SESC de Literatura. 2019 - Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. 2019 - Prêmio Açorianos. 2021 - Prêmio Jabuti.</p>
5	“Tólia”, de Ricardo Lísias (“Evo Morales” na versão inglesa)	<p>Autor Ricardo Lísias nasceu em São Paulo, em 1975. É graduado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, mestre em Teoria Literária pela mesma universidade e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. É autor de romances, livros de contos e ensaios.</p>

		<p>Obras</p> <p>2007 - <i>Anna O. e outras novelas</i>, Alfaguara. 2009 - <i>O livro dos mandarins</i>, Alfaguara. 2012 - <i>O céu dos suicidas</i>, Alfaguara. 2017 - <i>Diário da cadeia</i>, Alfaguara.</p> <p>Prêmios</p> <p>2008 - Prêmio Jabuti, finalista. 2011 - Copa Brasileira de Literatura. 2012 - Prêmio de melhor romance da APCA.</p>
6	“Apneia”, de Daniel Galera	<p>Autor</p> <p>Daniel Galera nasceu em julho de 1979, em São Paulo, Brasil, mas a sua família é do Rio Grande do Sul e ele foi criado em Porto Alegre. Escreve ficção desde o final da década de 1990. Também colabora com artistas e escreve críticas, ensaios e artigos em português e inglês.</p> <p>Obras</p> <p>2008 - <i>Cordilheira</i>, Companhia das Letras. 2012 - <i>Barba ensopada de sangue</i>, Companhia das Letras. 2021 - <i>O deus das avencas</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios</p> <p>2008 - Prêmio Machado de Assis de Romance da Fundação Biblioteca Nacional. 2009 - Prêmio Jabuti de Literatura. 2013 - Prêmio Jabuti de Literatura.</p>
7	“Valdir Peres, Juanito e Poloskei”, de Antonio Prata	<p>Autor</p> <p>Escritor, cronista e roteirista, Antonio Prata nasceu em São Paulo, em 1977. Entre 2001 e 2008, publicou crônicas na revista <i>Capricho</i>, voltada para o público adolescente. Em parceria com Chico Mattoso, escreveu o episódio dirigido por Fernando Meirelles no filme <i>Rio, eu te amo</i>, além de ter participado da equipe de roteiristas das <i>novelas Bang Bang</i>, de 2006, e <i>Avenida Brasil</i>, de 2012, da Rede Globo. Além de ter escrito séries para a Rede Globo, HBO, MTV e Multishow, colaborou também com <i>O Estado de S. Paulo</i>, onde assina uma coluna.</p> <p>Obras</p> <p>2001 - <i>Douglas e outras histórias</i>, Azougue Editorial. 2013 - <i>Felizes quase sempre</i>, Editora 34, com Laerte</p>

		<p>Coutinho.</p> <p>2013 - <i>Nu, de botas</i>, Companhia das Letras.</p> <p>2021 - <i>Esconde esconde</i>, Ubu.</p> <p>Prêmios</p> <p>2014 - Prêmio Jabuti.</p> <p>2013 - Prêmio Jabuti, finalista.</p>
8	“O jantar”, de Julián Fuks	<p>Autor</p> <p>Julián Fuks nasceu em São Paulo em 1981 e é filho de pais argentinos. Trabalhou como repórter no jornal <i>Folha de S. Paulo</i> e como crítico na revista <i>Cult</i>. Em 2017, Julián Fuks trabalhou com Mia Couto no âmbito da iniciativa Rolex Mentor and Protégé Arts.</p> <p>Obras</p> <p>2004 - <i>Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e eu</i>, 7Letras.</p> <p>2007 - <i>Histórias de literatura e cegueira</i>, Record.</p> <p>2012 - <i>Procura do romance</i>, Record.</p> <p>2015 - <i>A resistência</i>, Companhia das Letras.</p> <p>2022 - <i>Lembremos do futuro: Crônicas do tempo da morte do tempo</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios</p> <p>2016 - Prêmio Jabuti.</p> <p>2017 - Prêmio Literário José Saramago.</p> <p>2018 - Prêmio Anna Seghers.</p>
9	“Noites de alface”, de Vanessa Barbara (“Lettuce Nights”, na versão inglesa)	<p>Autora</p> <p>Vanessa Barbara é uma jornalista e escritora brasileira, que publica nos jornais <i>Folha de S. Paulo</i> e <i>O Estado de S. Paulo</i>, na revista <i>Piauí</i>. É colaboradora de opinião do <i>The New York Times</i>.</p> <p>Obras</p> <p>2008 - <i>O Verão do Chibo</i>, Alfaguara, com Emilio Fraia.</p> <p>2013 - <i>Noites de alface</i>, Alfaguara.</p> <p>2023 - <i>Mamãe está cansada</i>, Companhia das Letrinhas.</p> <p>Prêmios</p> <p>2008 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p> <p>2009 - Prêmio Jabuti de Jornalismo.</p>

10	“Mãe”, de Chico Mattoso (“Far from Ramiro”, na versão inglesa)	<p>Autor Chico Mattoso (Paris, 1978) é um escritor, tradutor e argumentista brasileiro. Formado em Letras pela University of the South Pacific, foi editor da revista literária <i>Á caro</i> de 2002 a 2005. É co-autor, juntamente com Antonio Prata, da série <i>Pais de primeira</i>, da TV Globo, e da série <i>Pica da neblina</i>. É, igualmente, coautor das obras <i>Cabras</i> (1999), com Antonio Prata, Paulo Werneck e José Vicente da Veiga, e de <i>Parati para mim</i> (2003), com João Paulo Cuenca e Santiago Nazarian.</p> <p>Obras 2007 - <i>Longe de Ramiro</i>, Editora 34. 2011 - <i>Nunca vai embora</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2007 - Prêmio Jabuti, finalista.</p>
11	“Temporada”, de Emilio Fraia	<p>Autor Emilio Fraia nasceu em São Paulo em 1982. Trabalhou como redator-chefe da revista <i>Trip</i>, foi editor da revista <i>Bravo</i> e colaborou com a revista <i>Piauí</i>. Foi editor de Literatura da Cosac Naify. Atualmente é editor de ficção contemporânea na Companhia das Letras.</p> <p>Obras 2008 - <i>O Verão do Chibo</i>, Alfaguara, com Vanessa Barbara. 2013 - <i>Campo em branco</i>, Companhia das Letras, em parceria com o artista DW Ribatski. 2018 - <i>Sebastopol</i>, Alfaguara.</p> <p>Prêmios 2008 - Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional. 2008 - Prêmio Jabuti, finalista. 2008 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p>

12	“F para Welles”, de Antônio Xerxenesky (“Tomorrow, upon Awakening” na versão inglesa)	<p>Autor Antônio Xerxenesky nasceu em Porto Alegre, em 1984, e radicado em São Paulo. Escritor e tradutor, é doutor em Teoria Literária (Universidade de São Paulo) e já traduziu mais de 30 livros do inglês e do espanhol para o português. Desde 2023, Xerxenesky atua como editor sênior da Companhia das Letras, trabalhando com ficção contemporânea e cuidando do selo Penguin Classics no Brasil.</p> <p>Obras 2008 - <i>Areia nos dentes</i>, Não Editora. 2014 - <i>F</i>, Companhia das Letras. 2021 - <i>Uma tristeza infinita</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2004 - Prix Médicis. 2021- Prêmio São Paulo de Literatura.</p>
13	“A febre do rato”, de Javier Arancibia Contreras	<p>Autor Javier Arancibia Contreras, filho de pais chilenos, exilados no Brasil depois do golpe militar de 1973, passou a adolescência em Santos. Trabalhou como repórter policial em São Paulo e posteriormente como livreiro. Atualmente, desenvolve roteiros de cinema e escreve romances.</p> <p>Obras 2002 - <i>Plínio Marcos. A crônica dos que não têm voz</i>, Boitempo. 2008 - <i>Imóvil</i>, 7Letras. 2016 - <i>Soy loco por ti, América</i>, Companhia das Letras. 2019 - <i>Crocodilo</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2019 - “Crocodilo”, Prêmio APCA de Literatura</p>
14	“Faíscas”, de Carol Bensimon	<p>Autora Carol Bensimon nasceu em Porto Alegre, em 1982. Romancista, contista e tradutora, é mestre em Escrita Criativa pela PUCRS.</p> <p>Obras 2008 - <i>Pó de parede</i>, Não Editora. 2009 - <i>Sinuca embaixo da água</i>, Companhia das Letras. 2013 - <i>Todos nós adorávamos caubóis</i>, Companhia das</p>

		<p>Letras.</p> <p>2017 - <i>O clube dos jardineiros de fumaça</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios</p> <p>2009 - Prêmio Jabuti, finalista.</p> <p>2009 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p> <p>2017 - Prêmio Jabuti.</p> <p>2017 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p>
15	“Teresa”, de Cristhiano Aguiar	<p>Autor</p> <p>Cristhiano Aguiar nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1981. É escritor, crítico literário e professor de Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi editor das revistas experimentais <i>Eita!</i>, <i>Crispim</i> e <i>Lab</i>. Atualmente, é membro da Comissão para Promoção de Conteúdos em Língua Portuguesa da Câmara Brasileira do Livro.</p> <p>Obras</p> <p>2006 - <i>Ao lado do muro</i>, Meta Editora.</p> <p>2010 - <i>Os justos</i>, Moinhos de Vento.</p> <p>2022 - <i>Gótico nordestino</i>, Alfaguara.</p> <p>Prêmios</p> <p>2022 - Prêmio Clarice Lispector.</p>
16	“Você tem dado notícias?”, de Leandro Sarmatz (“The Count” na versão inglesa)	<p>Autor</p> <p>Leandro Sarmatz é um escritor e jornalista brasileiro. Nasceu em Porto Alegre e vive atualmente em São Paulo. Estudou Comunicação Social (Graduação) e Linguística e Letras (Mestrado) na PUCRS. Sarmatz foi editor da editora Companhia das Letras, deixando-a em 2016 para fundar uma nova editora, a Todavia. Também é colunista e jornalista em diversos meios de comunicação brasileiros.</p> <p>Obras</p> <p>2000 - <i>Mães & sogras</i>, Editora da Casa.</p> <p>2009 - <i>Logocausto</i>, Editora da Casa.</p> <p>2010 - <i>Uma fome</i>, Record.</p> <p>Prêmios</p> <p>-</p>
17	“Fragmento de um romance”, de Carola Saavedra (“Every Tuesday” na versão inglesa)	<p>Autora</p> <p>Carola Saavedra nasceu no Chile em 1973 e mudou-se para o Brasil aos três anos de idade. Viveu e estudou em</p>

		<p>Espanha, França e Alemanha, onde se licenciou em Comunicação Social. É professora e investigadora de Literatura e Estudos Culturais no Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Colónia, Alemanha.</p> <p>Obras 2008 - <i>Flores azuis</i>, Companhia das Letras. 2010 - <i>Paisagem com dromedário</i>, Companhia das Letras. 2018 - <i>Com armas sonolentas</i>, Companhia das Letras. 2022 - <i>O manto da noite</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2008 - Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. 2010 - Prêmio Rachel de Queiroz</p>
18	“Violeta”, de Miguel Del Castillo	<p>Autor Miguel Del Castillo é escritor, tradutor, editor e curador. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1987, e vive em São Paulo desde 2010. Em 2018 foi escritor residente na Fondation Jan Michalski, na Suíça, e, em 2019, um dos convidados da programação principal da Flip. Atua como curador da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles, e foi editor da Cosac Naify, do site da ZUM e da revista <i>Noz</i>.</p> <p>Obras 2015 - <i>Restinga</i>, Companhia das Letras. 2019 - <i>Cancún</i>, Companhia das Letras.</p> <p>Prêmios 2019 - Prêmio São Paulo de Literatura, finalista.</p>

19	“Natureza-morta”, de Vinicius Jatobá	<p>Autor</p> <p>Vinicius Jatobá nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Em 2016-17, foi artista residente na Cité Internationale des Arts e no Centre Internationale Les Récollets, ambos localizados em Paris/França. Ganhou a bolsa portuguesa Criar Lusofonia 2017. Depois de uma passagem por Paris e Zagreb, foi escritor residente na Akademie Schloss Solitude e no Theatre Freiburg, ambos na Alemanha, onde vive atualmente, facilitando workshops de escrita criativa e trabalhando como jornalista e editor de não-ficção.</p> <p>Obras</p> <p>2010 - Alta Solidão 2011 - Vida entre os mamíferos 2015 - Pés descalços</p> <p>Prêmios</p> <p>2013 - Prêmio Icatu de Artes e Prêmio Nacional de Dramaturgia Cidade de Belo Horizonte.</p>
20	“O Rio sua”, de Tatiana Salem Levy	<p>Autora</p> <p>Tatiana Salem Levy (Lisboa, 1979) é Doutora em Letras pela PUC-Rio (2007), investigadora da FCSH/UNL, membro do IFILNOVA e escritora, coordenando atualmente, em parceria com a PUC-Rio, a coleção Ensaio Aberto, dedicada a livros que articulam a relação entre Filosofia e Literatura.</p> <p>Obras</p> <p>2007 - <i>A Chave da casa</i>, Record. 2011 - <i>Dois Rios</i>, Record. 2021 - <i>Vista chinesa</i>, Todavia.</p> <p>Prêmios</p> <p>2008 - Prêmio São Paulo de Literatura. 2012 - Prêmio São Paulo de Literatura.</p>

Como podemos observar na síntese acima apresentada, atualmente, os escritores selecionados para a antologia, independentemente das suas áreas de formação, continuam envolvidos em trabalhos estreitamente relacionados com a literatura. São

autores marcados por experiências internacionais, nomeadamente, no mundo anglo-saxónico e/ou europeu, não só no sentido em que alguns deles conheceram o concurso através dos Melhores Jovens Escritores do Reino Unido ou dos EUA, mas também no sentido em que tiveram alguma experiência laboral internacional, como Laura Erber, que foi professora visitante na Universidade de Copenhaga, Vanessa Barbara, que foi revisora do *New York Times* ou Cristiano Aguiar, que foi investigador na Universidade da Califórnia, Berkeley, para citar apenas alguns exemplos.

Relativamente ao género, é importante salientar que a proporção de escritores e escritoras na antologia é de 14/6, uma disparidade que indica ainda uma certa marginalização das escritoras no campo literário, refletindo implicitamente a desigualdade de género no campo brasileiro, onde as escritoras são tão ativas como os seus homólogos masculinos, mas a sua consagração e visibilidade é menor do que a consagração dos seus pares masculinos.

Só para citar alguns números, em todos os principais prémios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prémio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa [...] mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. (Dalcastagnè, 2005, p. 5)

Além disso, as personagens femininas das histórias não têm tanto destaque quanto as masculinas na literatura brasileira, pois “[o] mundo literário ainda é dominado por homens e está repleto de estereótipos e preconceitos que permeiam a escrita feminina e o papel da mulher na literatura” (Scheibel, 2022). Olhando para toda a antologia, são muito poucos os textos que têm a mulher como sujeito narrativo principal, apenas cinco: o décimo segundo, “F para Welles”, de Antônio Xerxesky; o décimo quarto, “Faíscas”, de Carol Bensimon; o décimo quinto, “Teresa”, de Cristiano Aguiar; o décimo sétimo, “Fragmento de um romance”, de Carola

Saavedra e o vigésimo conto da antologia, “O Rio sua”, de Tatiana Salem Levy.

Nos restantes relatos os protagonistas e os personagens continuam a ser predominantemente masculinos. Neste sentido, é de salientar ainda que a caracterização de algumas personagens femininas está marcada por estereótipos associados à imagem tradicional da mulher. Assim, nalgumas ficções encontramos papéis sociais "femininos" – como, por exemplo, o de criada, filha, mãe, amante ou esposa –, descritos de modo estereotipado: a menina aprende ballet, a amante tem um corpo atraente e adota comportamentos e roupas provocantes, enquanto que as esposas e as mães são figuras cheias de amor, tolerantes para com os seus maridos e totalmente dedicadas à família. Muitas dessas personagens são referidas apenas através de pronomes, nem sequer têm nomes.

Enfim, estes dados permitem-nos refletir sobre as desigualdades ainda presentes no campo da literatura, que decorrem de quadros socioculturais e estereótipos de género profundamente enraizados. Os preconceitos culturais ainda influenciam parcialmente os critérios de seleção dos prémios literários, as preferências de seleção dos editores e as expectativas dos leitores relativamente ao género das obras literárias, o que, em conjunto, cria uma atmosfera sexista, cada vez menor, mas ainda persistente, no sistema literário.

Além disso, analisadas sob a perspectiva da teoria do capital social, a seleção dos autores e a desigual presença de autoras parece sugerir que, apesar dos significativos avanços, as escritoras, na altura da publicação da antologia, careciam ainda de capital social suficiente para aumentar o impacto e a visibilidade do seu trabalho na cena literária brasileira. Neste sentido, as escritoras podem enfrentar um tratamento injusto, devido às diferenças de género, em termos de redes de contactos nos círculos literários, avaliações pelos pares, atenção dos meios de comunicação social e recursos políticos. Com esta distribuição desigual de capital social, as escritoras têm menos oportunidades de ver o seu trabalho reconhecido e apresentado, caindo assim numa “armadilha de visibilidade” (Foucault, 1977, p. 200), em que a baixa visibilidade leva a um menor reconhecimento, que por sua vez leva a uma menor visibilidade.

Assim, a desigualdade de género é evidente na publicação em revistas e na crítica literária. Certos estudos, como, para citar só um exemplo, o estudo de Giovana Laura Scheibel sobre a presença de textos escritos por mulheres na revista *Granta*, têm apontado que as escritoras tendem a ter menos acesso a revistas e a uma crítica literária cuidada, o que não só limita a construção da sua reputação e a sua consagração em termos académicos, como também pode restringir a circulação da sua obra entre o público e minar o seu valor, não só académico, mas também o potencial de mercado do seu trabalho. (Scheibel, 2022)

Relativamente à idade, como se pode verificar nas informações apresentadas na publicação, os escritores da antologia tinham todos menos de 40 anos (à data da publicação da antologia) e, portanto, nasceram entre 1973 e 1991. Três dos escritores nasceram em 1973 e a escritora mais nova, Luisa Geisler, nasceu em 1991. Em termos de distribuição por décadas, os escritores nascidos nos anos 70 representam 55% dos autores presentes na antologia, os escritores nascidos nos anos 80 representam 40% dos escritores e os escritores nascidos nos inícios da década de 90 representam apenas 5%. Isto significa que, em termos de idade, todos os escritores estavam na casa dos trinta anos e apenas dois tinham vinte anos na altura da publicação. A antologia apresenta os novos autores da cena literária brasileira, com uma representação apenas simbólica de escritores muito jovens.

Ano de Nascimento (Idade)	1973-1975 (36-38anos)	1976-1980 (31-35anos)	1981-1985 (26-30anos)	1986-1990 (21-25anos)	1991 (20 anos)
Número de autores	4	7	7	1	1
Percentagem %	20%	35%	35%	5%	5%

Relativamente à representatividade das diferentes regiões do país, é de notar que vinte dos escritores publicados na antologia estão concentrados em três espaços: Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Desses vinte escritores, seis situam-se em Porto Alegre. Cinco nasceram lá e, portanto, são escritores gaúchos, Michel Laub, Antônio Xerxenesky, Carol Bensimon, Leandro Sarmatz e Luísa Geisler, e um vive lá permanentemente, Daniel Galera. Há cinco escritores do Rio de Janeiro, quatro nascidos na cidade, Laura Erber, João Paulo Cuenca, Miguel Del Castillo e Vinicius Jatobá, e uma residente, Carola Saavedra. Por último, encontramos nove autores de São Paulo: cinco deles nascidos na capital paulista, Ricardo Lísias, Antonio Prata, Julián Fuks, Vanessa Barbara, Emilio Fraia, e quatro residentes na cidade, Chico Mattoso, Javier Arancibia Contreras, Cristiano Aguiar e Tatiana Salem Levy. Os três espaços são importantes polos culturais – nomeadamente, Rio de Janeiro e São Paulo – e situam-se em regiões litorâneas muito desenvolvidas. A visão social apresentada nos seus relatos liga-se, portanto, a uma visão de mundo moderna e urbana, mas os seus relatos representam também uma certa – e parcial – imagem do Brasil literário.

Estudiosos como a Professora Zahidé Muzart destacam há anos o poder das universidades, dos grupos e, sobretudo, do eixo Rio/São Paulo/Minas – acrescentando, neste caso, um outro ponto, notavelmente ausente na antologia, Minas Gerais –, para afirmar que

só é canonizado o escritor que, vivendo nessas regiões, pode frequentar determinados círculos de influência, professores de curso de pós-graduação, críticos literários, redatores de jornais, por exemplo, resenhistas como os dos grandes jornais como *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, para citar só os maiores (1995, p. 85).

Além disso, é interessante verificar que 25% dos escritores presentes na antologia, isto é, cinco dos autores, são imigrantes, não nasceram no Brasil e as suas famílias têm origens noutros países. João Paulo Cuenca e Julián Fuks são de origem argentina, Chico Mattoso, francesa, Javier Arancibia Contreras, chilena e Miguel Del Castillo, uruguaia. Esse dado é revelador da diversidade cultural que marca a sociedade e a

literatura brasileira, em que cada vez está mais presente a denominada 'literatura migrante', marcada pelo hibridismo e o entrecruzamento de culturas e visões de mundo ligadas à História das migrações no Brasil.

A experiência migrante não apenas projeta a história e a realidade da sociedade brasileira nos textos, mas também, frequentemente, dos países de origem, estimulando nos escritores a integração no discurso literário de reflexões e questões sobre a identidade. Através das suas criações literárias, estes escritores expressaram as experiências de vida e os estados psicológicos da figura migrante, dominada pela experiência de viagem, de trânsito entre culturas diferentes. Assim, as suas obras estão impregnadas de reflexões profundas sobre a memória e a adaptação, a tradição e a modernidade, o local e o estrangeiro. Por exemplo, o relato de Julián Fuks “O jantar” descreve a lembrança das sombras de infância, despertada no protagonista num jantar familiar, que provoca a rememoração da brutalidade da Guerra Suja na Argentina. As diferentes perspectivas da família do protagonista sobre a referida guerra enquanto exilados forçados no Brasil exprimem o trauma indelével que a ditadura provoca naqueles que a viveram. Miguel Del Castillo, brasileiro de origem uruguaia, descreve no relato “Violeta” a história de um revolucionário que foi forçado pelo governo a tomar drogas e foi atirado ao mar devido à sua participação no movimento de libertação interna, durante a junta uruguaia, bem como a preocupação da mãe do revolucionário com o seu filho e o posterior silenciamento, por parte da família, do seu trágico destino.

Ainda, é de assinalar que a proporção de escritores a tempo inteiro presentes na antologia é muito reduzida, o que parece ilustrar a afirmação de Regina Dalcastagnè de que “ninguém vive de escrever neste país” (2017, p. 97)

Uma vez que o número de escritores dedicados a tempo inteiro à criação literária na antologia não é grande, muitos deles têm outras profissões, como, para citar só alguns exemplos, realizadores, artistas, professores ou comentadores de notícias, como pode ser observado no quadro acima apresentado. Ao terem um passado marcado pelo entrecruzamento de diversas identidades profissionais, os escritores

dedicados à literatura a tempo parcial conseguem incorporar nas suas obras literárias conhecimentos e experiências de diferentes áreas. Por exemplo, um escritor que seja também realizador pode apresentar técnicas narrativas e pormenores visuais mais ricos nas suas obras, enquanto um escritor que seja também investigador ou professor pode incluir nas suas obras análises e reflexões mais aprofundadas e melhor fundamentadas do ponto de vista teórico.

Por exemplo, tal como referido, Luisa Geisler, autora de “O que você está fazendo aqui”, tem um mestrado em Processo Criativo (National University of Ireland) e outro em Literatura e Cultura Brasileira (University of New Mexico). Participou em projectos artísticos/literários na Serpentine Gallery em Londres, no Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, no Museo Jumex em Ciudad de México e nos D-Light Studios em Dublin. Essas experiências, além de darem à autora um profundo conhecimento da cultura e da literatura, a tornaram uma escritora com uma visão internacional. Isto é visível na sua escrita, na ambientação construída através de elementos como as esteiras rolantes do aeroporto de Hong Kong, a utilização de palavras italianas, a representação atenta dos passageiros com pressa, o som produzido pelas malas dos viajantes, o ritmo das suas caminhadas ou a presença de casais que se abraçam no seu relato.

Por sua vez, João Paulo Cuenca é produtor de cinema e na sua escrita é frequente a utilização de uma linguagem cinematográfica que facilita a visualização das imagens que descreve através de diferentes ‘movimentos de câmara’, como no seguinte excerto:

No lugar dos cinemas de rua e de antigas livrarias onde consumiu sua adolescência sonâmbula, igrejas evangélicas e academias de ginástica. No lugar dos postes franceses de cobre e luz alaranjada, iluminação de necrotério em luzes fluorescentes pelas ruas em arranjos prateados de metal (Cuenca, 2012, p. 35).

Em resumo, as identidades e ocupações dos jovens escritores brasileiros

demonstram a riqueza da ecologia literária do Brasil e a complexidade do seu contexto sócio-histórico. A sua formação cultural é uma mistura de especificidades regionais, tradições nacionais, experiências de imigração e influências interculturais, que, em conjunto, moldam as suas perspectivas únicas de escrita. Como já foi referido, geograficamente, os escritores estão concentrados em três cidades costeiras desenvolvidas do Brasil e nos três dos pólos culturais mais relevantes do país: São Paulo, Rio de Janeiro e, em menor medida, Porto Alegre. A modernidade e a riqueza destas três cidades refletem-se nas ficções dos escritores, revelando a natureza multifacetada da sociedade local. O Brasil tem uma população imigrante significativa, e as obras de escritores descendentes de imigrantes focam, como já foi dito, não apenas a história da migração individual ou familiar, mas também uma diversidade cultural que atravessa as fronteiras nacionais. Essas experiências migratórias fornecem aos escritores um material valioso para explorar a identidade, o conflito cultural e a integração através da Literatura. Os seus textos literários refletem frequentemente a forma como os indivíduos num contexto multicultural procuram posicionar-se entre a tradição e a modernidade, entre o local e o estrangeiro, conferindo aos seus textos uma notável profundidade e complexidade multicultural. Por último, como foi destacado, a maioria dos escritores tem outras identidades profissionais, o que revela, por vezes, um fenómeno de interpenetração entre a vida e a arte. Estas ocupações diversas não só trazem perspectivas e reflexões ricas e variadas às suas criações literárias, como também conferem às suas obras uma profundidade e amplitude interdisciplinares. Essa diversidade profissional não apenas torna a literatura brasileira mais rica nos conteúdos e mais variada na forma, mas também oferece novas perspectivas de interpretação das motivações dos escritores e dos contextos socioculturais de suas obras literárias. Em suma, as diversas identidades e ocupações dos jovens escritores brasileiros revelam um cenário vibrante de misturas multiculturais e dinâmicas sociais.

Por último, antes de avançar no exame dos relatos selecionados para a *Granta*, em relação ainda à consagração, divulgação e visibilidade dos textos presentes na

antologia e dos seus autores, parece-nos necessário destacar que as editoras em que foram publicados os textos da antologia são, essencialmente, a Companhia das Letras e a Alfaguara. A influência do mercado na produção literária é evidente na concentração dos textos selecionados entre as obras publicadas por duas editoras. Neste sentido, a hegemonia editorial da Companhia das Letras e da Alfaguara pode refletir um mecanismo de seleção e orientação para o mercado, que não só merece atenção nos estudos empresariais, como também no estudo dos mecanismos de circulação textual e da ecologia literária. Por outro lado, a existência de sítios web independentes, criados por alguns dos autores, indica a vontade de certos escritores de utilizar o meio digital para assumir o controlo da divulgação das suas obras e questionar ou complementar o modelo de publicação tradicional.

Desta perspetiva, é de notar que, além de exprimirem os seus pontos de vista nas redes sociais, vários escritores exprimem as suas opiniões sobre acontecimentos políticos ou sociais nos seus próprios sítios Web, e mesmo um dos escritores mais consagrados da antologia, Michel Laub, regista a sua própria vida e o progresso do seu trabalho no seu sítio Web¹. A utilização ativa dos meios de comunicação social não só alterou a forma como as obras são publicitadas e divulgadas, mas é também uma manifestação da participação dos escritores no discurso público e da expansão da sua influência pessoal. Este fenómeno também reflete a tendência de integração da literatura e dos meios de comunicação social no âmbito da globalização, que inclui o diálogo direto com o público e a possibilidade de exprimir opiniões pessoais sobre assuntos atuais, transcendendo o âmbito nacional. A complexa interação entre a crescente influência social dos meios de comunicação e a visibilidade dos escritores e o conteúdo das suas obras tornou-se um elemento importante no estudo da literatura contemporânea.

¹ <https://michellaub.wordpress.com/>

3.2. Análise literária dos relatos da antologia

A partir de alguns das narrativas da coleção, podemos ver que os escritores contemporâneos procuram novos métodos de expressão artística, distanciam-se, frequentemente, das formas e temas literários tradicionais e desafiam os padrões estéticos estabelecidos.

A observação atenta dos textos da coleção revela que um número considerável de escritores prefere utilizar técnicas de linhagem modernista como a narrativa não linear, o fluxo de consciência e o monólogo interior para explorar diferentes dimensões da experiência humana. Os relatos “Animais”, “O que você está fazendo aqui”, “Tempo”, “Teresa”, “Você tem dado notícias”, “Violeta”, “Natureza morta” e “O Rio sua” são exemplos paradigmáticos disso. Tanto “Animais” como “Temporada” são narrados em segmentos não lineares, com linhas temporais que se entrecruzam, numa narrativa fragmentar. Alguns textos utilizam símbolos ou termos incomuns para organizar o discurso. “O que você está fazendo aqui”, de Luisa Geisler, utiliza o termo “[Weltanschauung]” para descrever pensamentos interiores e intercala-os ao longo do texto, com a narrativa e o monólogo interior a se entrecruzarem constantemente, como no seguinte exemplo:

“[Weltanschauung]

O que você deveria fazer?” (Geisler, 2012, p. 42)

O autor de “Teresa”, Cristhiano Aguiar, utiliza algarismos arábicos e romanos para contar uma história diferente. As passagens com algarismos árabes situam a narrativa na vida real; as passagens com algarismos romanos formam uma história religiosa, contando a vida lendária do Príncipe Elias. Já em “Violeta”, de Miguel Del Castillo, os travessões são utilizados para repetir frases do diálogo, como se a personagem Violeta estivesse sempre a repetir as palavras de outra pessoa por causa da demência, enquanto os parênteses delimitam os pensamentos e os apartes do jovem

Miguel, o narrador: “— *Ahora el pájaro ya vuela sólo* (eu ouvia com toda a atenção)” (Castillo, 2012, p. 197).

Em “Natureza-morta”, Vinícius Jatobá utiliza dois tipos de letra diferentes, normal e itálica, para representar dois períodos diferentes, enquanto em “O Rio sua”, Tatiana Salem Levy (2012, p. 222) usa o sinal tipográfico do asterisco “***” para separar fragmentos, tempos e espaços, o presente, no Rio, o passado, na Europa:

Primeira coisa a fazer: arrancar o mofo das superfícies sólidas, liberar os poros da casa. Vim aqui para respirar.

Assim, a criatividade dos jovens escritores brasileiros caracteriza-se pela sua inovação, pelo aumento da complexidade das suas histórias através de técnicas narrativas experimentais, como a narração não linear e o fluxo de consciência, bem como pela procura frequente de uma linguagem próxima da oralidade, integrando coloquialismos, gíria e expressões vulgares, numa atualização da linguagem literária brasileira. Estas características estão intimamente ligadas com a herança modernista e os seus efeitos na literatura brasileira do século XX, mas também estão relacionadas com as mudanças na sociedade contemporânea – o progresso tecnológico e a chegada da era da informação conduziram à diversidade cultural e a uma forma mais aberta de pensar –, e os jovens escritores estão mais dispostos a experimentar formas de expressão novas, de modo a refletir a complexidade e as mudanças dinâmicas da sociedade do seu tempo. Simultaneamente, as suas obras refletem também, frequentemente, a ascensão do conceito de individualismo, realçando a singularidade do indivíduo e o seu sentimento de insatisfação com a realidade, e utilizam as suas criações para procurar a identidade e questionar ou criticar o sistema de valores tradicional.

Neste sentido, antes de avançar para um breve exame inicial dos temas presentes

nos textos da antologia, é necessário destacar que os seus protagonistas não são pessoas normais no sentido tradicional, mas, pelo contrário, representam, muitas vezes, diversos tipos de anti-herói, que não cumprem, de modo mais ou menos radical, as normas morais e as convenções da sociedade. Por exemplo, Lucas, o protagonista de “O que você está fazendo aqui”, amaldiçoa o patrão, detesta ir trabalhar e só encontra a sua amante, Meike, quando vai a Hamburgo em trabalho; a assassina de “F para Welles”, de Antônio Xerxenesky, mata o pai da irmã, que a violou; enquanto em “Apneia”, de Daniel Galera, o protagonista fala com o seu filho antes de se matar e lhe pede que, uma vez morto, leve o seu querido cão para o sacrificar. Já, em “Você tem dado notícias”, de Leandro Stamatz, encontramos a narração que um homem que abandonou a mulher e a família no passado faz ao seu filho ao retornar à sua cidade, porque sente necessidade de ter notícias daqueles que abandonou. No relato, é explorado o choque entre as duas gerações. O protagonista é filho de um imigrante e representa uma nova geração de judeus: livre, forte, revolucionário, capaz de derrubar velhas ideias, com um forte sentimento de identidade nacional e de pertencimento ao Brasil, enquanto seu pai era um imigrante conformista, cauteloso, da velha geração. O rompimento de seu casamento decorre das interferências familiares constantes na sua vida de casal.

Relativamente aos temas, podemos afirmar que eles giram basicamente em torno de questões políticas – presentes, com diverso protagonismo, num número considerável de textos –, questões sociais, como a urbanização ou problemas individuais, em especial, a busca da identidade pessoal.

Relativamente à literatura contemporânea, para responder à pergunta “O que é o contemporâneo?”, o filósofo italiano Giorgio Agamben diz que o contemporâneo é o intempestivo (*apud* Schøllhammer, 2009, p. 9), o que significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma *defesagein* ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo (Schøllhammer, 2009, p. 9), tal como observamos nos narradores e personagens mais

ou menos desajustados ou críticos de muitos dos textos da antologia, que apresentam uma vasta diversidade de temas, ligados às questões acima referidas.

Desta perspectiva, a partir da identificação de alguns tópicos relevantes, refletiremos sobre a representação nos textos literários da antologia do espaço brasileiro contemporâneo, da História recente, da (problemática) identidade nacional e das minorias e, por último, dos conflitos familiares.

3.2.1. O espaço nacional e internacional contemporâneo

A literatura brasileira contemporânea confere grande protagonismo ao espaço citadino, entendido como uma paisagem urbana e humana multifacetada, complexa e contraditória. Em numerosos textos a cidade aparece, então, “não apenas como cenário para o desenrolar de um enredo, mas enquanto agente determinante da significação da narrativa como um todo. A cidade surge, assim, enquanto personagem” (Dalcastagnè, 2003, p. 12).

Em particular, a complexidade das estruturas sociais, a diversidade demográfica e as desigualdades de riqueza que existem nos espaços urbanos de grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília são particularmente evidentes nalguns dos textos. Contudo, convém salientar que, apesar dessa complexidade e desses problemas, observamos nalgum texto a persistência do fascínio provocado por essas grandes cidades, nomeadamente, o Rio de Janeiro, tal como acontece em “O Rio sua”: “Você abaixa a cabeça, mas do seu lado direito um morro se ergue, imponente; do lado esquerdo, a natureza escandalosa se impõe; à sua frente, a linha infinita do mar” (Salem Levy, 2012, p. 227). O relato é protagonizado e narrado por uma carioca recém-chegada do “ar ríspido da Europa” (Salem Levy, 2012, p. 220), em que residia com o seu parceiro europeu até sentir saudades do Rio e separar-se dele. Através das suas reflexões sobre o ocaso do seu relacionamento amoroso e do seu renovado amor pela cidade, observamos as montanhas do Pão de Açúcar no alto, a vegetação exuberante, o clima cálido e húmido e eventos e expressões que evidenciam a riqueza

natural e a diversidade cultural da cidade, tais como o samba, um baile *funk* ou a celebração do Ano Novo na praia de Copacabana: “de repente escuto a voz retumbante de uma cidade, como a voz de um antigo amor que ressurge com a violência das coisas guardadas (Salem Levy, 2012, p. 221).

Como sabemos, o público leitor do Brasil é elitizado e instruído, pois “[o] que se tem hoje, é um público basicamente urbano, formado pelos estratos mais escolarizados: estudantes, professores, jornalistas, artistas, sociólogos, economistas, etc.” (Pellegrini, 1997, p. 25), o que significa que essas pessoas experienciam, por vezes, o que Tatiana Salem Levy mostra em seu texto “O Rio sua”, uma sociedade vibrante e viva e, apesar de tudo, cheia de esperança.

Através do retrato meticuloso das favelas urbanas, da violência e da estratificação social, outro texto apresenta a esse mesmo público o lado oposto da sociedade, um lado mais escuro. Numa “reconfiguração do espaço urbano” (Ribeiro e Marques, 2019, p. 1016), o relato de João Paulo Cuenca reflete as condições urbanas reais, estando intimamente ligado a questões sociais, econômicas e culturais e revelando os problemas mais profundos derivados da rápida urbanização brasileira. Através de uma técnica literária rica, o autor mostra a complexidade destes espaços urbanos onde coexistem a civilização e a barbárie, a riqueza e a pobreza, a esperança e o desespero. O conto “Antes da queda” critica o recente fenômeno de gentrificação do Rio de Janeiro e nos lembra que na Cidade Maravilhosa persiste a miséria do passado, existindo os gangues, os crimes violentos e as favelas:

Se nos primeiros anos do século XX as ruas estreitas e os milhares de cortiços do centro da cidade, focos de pestes, como varíola e gente pobre, foram demolidos para a abertura de boulevares haussmanianos margeados por palacetes e edifícios art nouveau (que também seriam postos abaixo para construção de arranha-céus sem arquitetura tão caros ao milagre econômico da Ditadura Militar décadas depois), no início do século XX o bota-abixo de barracos para emular Paris na encosta dos morros seria uma impossibilidade política e estética – ainda que suas condições não fossem muito diferentes dos cortiços passados cem anos: lixo acumulado, esgoto deficiente, violência,

tuberculose, caos urbano. Não por acaso, os homens e as mulheres que foram expulsos do centro com a reurbanização empreendida em 1902 foram os mesmos que desmataram a floresta tropical dos morros e a transformaram em favelas. (Cuenca, 2012, pp. 30-31).

Essa ideia da continuidade do passado no presente, marcante no relato de Cuenca, foi destacada anteriormente, de modo diverso, na literatura brasileira, em obras contemporâneas como *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, romance pioneiro da literatura da periferia, em que as favelas são frequentemente retratadas como paradigma do fracasso institucional e da injustiça social. Através da perspectiva de múltiplas personagens, Lins traça um retrato detalhado da violência, do tráfico de drogas e da vida cotidiana nas favelas do Rio de Janeiro. Esta narrativa, que nos apresenta um vasto afresco da favela, não só permite ao leitor compreender o complexo passado de cada personagem, como também demonstra as suas estratégias de sobrevivência em circunstâncias extremas, ao mesmo tempo que a história explora como a pobreza e a violência estão interligadas na história urbana brasileira, através de uma estética influenciada pelo Brutalismo.

Como sabemos, a violência é um tema importante na literatura brasileira que foca o espaço urbano, pois é uma das realidades mais marcantes nesse espaço. De acordo com dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) no seu *Atlas da Violência*:

Segundo o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, em 2014 houve 59.627 homicídios² no Brasil – o que equivale a uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,1. Este é o maior número de homicídios já registrado e consolida uma mudança no nível desse indicador, que se distancia do patamar de 48 mil a 50 mil homicídios, ocorridos entre 2004 e 2007, e dos 50 a 53 mil mortes, registradas entre 2008 a 2011. Para situarmos o problema, estas mortes representam mais de 10% dos homicídios registrados no mundo e colocam o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios. (2016, p. 6)

² Neste conceito estão agrupadas as categorias Agressões (110) e Intervenções Legais (112) do CID-BR10. Os dados de 2014 são preliminares, segundo o Datasus/MS.

O fenômeno da violência na sociedade urbana não só afeta o cotidiano de seus habitantes, como também é um tema recorrente nas obras literárias que exploram questões sociais e da psicologia humana, tais como a referida *Cidade de Deus* ou a já clássica *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca. As suas obras criaram o Brutalismo, acima referido, baseado em descrições e recriações da violência social, (Schøllhammer, 2009, p. 14), que retratam frequentemente uma cidade escura e caótica, onde o crime faz parte do cotidiano. Esta violência surge tanto a nível individual como estrutural e sistémico, e é um reflexo direto do impacto da realidade social na literatura. De facto, esta exploração da violência extrema, da fratura entre o bem e o mal e entre o discurso social e a realidade da cidade, contribuíram e contribuem para a renovação da prosa nacional (Schøllhammer, 2009, p. 15), a partir, cada vez mais frequentemente, da visão do periférico.

Contudo, apesar da sua importância na ficção brasileira das últimas décadas, a reflexão sobre a violência e sobre as margens está pouco presente na antologia, talvez devido à especificidade desta coleção, que tem como objetivo a divulgação da cultura brasileira e se destina a um público mundial – em cujo imaginário ecoa ainda a imagem de um Brasil brutal, divulgada por filmes como *Cidade de Deus* ou *Tropa de elite*. Assim, embora a coleção não elida totalmente o tema da violência urbana no Brasil, ele não é central.

Em vez disso, encontramos menções pontuais em diversas narrativas e, sobretudo, a reflexão crítica sobre a miséria, as desigualdades sociais e as políticas públicas apresentada por João Paulo Cuenca no seu relato. Segundo o autor, o projeto contemporâneo integra novas formas de segregação, tal como aconteceu com as reformas urbanas do passado, evocadas no conto, numa história, que retorna de modo cíclico: “a nova luz do Rio de Janeiro era mentirosa na sua tentativa de esconder as trevas em que a cidade viverá para sempre” (Cuenca, 2012, p. 35).

Como o conto destaca, o aumento dos preços da habitação nas maiores cidades do Brasil está a exercer uma pressão crescente sobre os seus moradores:

O preço dos imóveis dentro do pequeno colar de pérolas delimitado pelo mar e pelo Maciço da Tijuca passou a ser regulado pelo mercado internacional, em desproporção com o poder real de compra de seus habitantes: em 2012, o aluguel de um conjugado de trinta metros quadrados em um prédio superpopuloso nos tenebrosos corredores de concreto de Copacabana era igual ao de um apartamento similar em Paris ou Nova York e o dobro de outro em Berlim ou Lisboa (Cuenca, 2012, pp. 33-34).

Em “Antes da queda”, o narrador refere que na segunda metade da primeira década do século XXI, os preços das casas já tinham começado a disparar, com uma barraca de praia de 25 metros quadrados a custar 350 mil dólares. Entre 2010 e 2013, os preços das casas duplicaram a quadruplicaram: “tratava-se da versão carioca de gentrificação, a ocupação de uma área urbana degradada por moradores de uma classe social mais rica com o afastamento de seus habitantes originais” (Cuenca, 2012, p. 31). Assim, o conto de Cuenca propõe uma reflexão sobre o processo de modernização problemática do Brasil, focando de modo crítico o processo de revitalização da cidade do Rio durante os preparativos para os Jogos Olímpicos, que inicia uma nova era do Rio marcada pela gentrificação, retratada com grande ironia no conto: “a corrida imobiliária que transformava barracos nos morros da Zona Sul carioca em pousadas-boutique comandadas por franceses na Mikonos” (Cuenca, 2012, p. 30). Mas também os efeitos dessa gentrificação e pacificação na vida dos cidadãos, em especial, dos mais humildes, num período em que

os problemas urbanos foram maquiados, inclusive, com a imposição da presença da Polícia Militar em algumas favelas. Além disso, toda uma gama de agentes capitalistas tomou conta dos territórios para promover um aumento no valor dos imóveis e substituir parte dos moradores. O conto/ensaio quase que põe a nu aquilo que os jornais de maior circulação e o poder público querem esconder: o projeto atual também é excludente e perverso (Pinho, 2019, p. 6813).

Por outro lado, apesar de que, como indica Schøllhammer, “[o] foco sobre a

realidade urbana foi um dos traços que a “Geração 90” preservou da ficção da década de 1970”, “nunca foi abandonado por completo o cenário regional, que subsiste até hoje na literatura brasileira desde o século XIX, e que continua sendo um dos alicerces da opção pelo realismo.” (2009, p. 77)

Assim, além das grandes cidades, o país americano integra vastas áreas no interior, com pequenas vilas, espaços rurais e florestas virgens. Esses espaços geográficos têm representações importantes, mesmo que mais esporádicas, na literatura brasileira das últimas décadas. Para além dos espaços das grandes cidades, outros espaços geográficos, como o interior subdesenvolvido, os espaços rurais ou os territórios virgens, surgem na ficção imbuídos de um significado sociocultural diferente e oferecem uma perspectiva diversa da do Brasil urbano, mais do que isso, “[e]m algumas obras atuais, a questão regional abre mão do interesse pelos costumes, pela tradição e pelas características etnográficas para se tornar um palco da tensão entre campo e cidade, entre a herança rural e o futuro apocalíptico das grandes metrópoles” (Schøllhammer, 2009, p. 77), tal como acontece nas obras de, para citar apenas um grande ficcionista contemporâneo, Milton Hatoum, responsável de um dos “sucessos literários das últimas décadas [...] cunhado em torno do resgate narrativo da identidade específica da região do Amazonas, vivificando sua rica história e cultura que, para grande parte dos brasileiros, continua sendo tao exótica quanto a cultura de um país distante” (Schøllhammer, 2009, p. 86). Nas obras de Hatoum, através de múltiplas perspectivas narrativas, é mostrada a situação social do Norte, em que diferentes povos colidem e se integram problematicamente uns com os outros. Uma explicação para a popularidade da literatura de Hatoum está na fusão entre um certo localismo amazônico, livre de exotismo e exageros folclóricos, o interesse crescente pela diversidade brasileira e a rica construção psicológica e identitária dos seus personagens.

Desta perspectiva, um dos textos da antologia, “Faíscas”, de Carol Bensimon, narra a história de um par de amigas que se reencontram depois de uma longa ausência para fazer uma viagem não planeada de carro no Sudeste do país e tentar

seguir o sonho que um dia tiveram. Já na abertura da narração, observamos o olhar crítico da narradora-protagonista sobre o projeto da modernidade brasileira:

Alguns minutos depois nós já estávamos deixando a cidade pela BR-116, uma linha cinza e barulhenta que acompanha os trilhos do trem, cortando os subúrbios ao meio e que, como qualquer saída de qualquer grande cidade brasileira, deixa evidente os esforços do país em parecer-se com os Estados Unidos, mas mais evidente ainda o absoluto fracasso dessa missão [...] Enquanto isso, do lado de fora, os prédios à beira da rodovia pareciam estar sendo consumidos pela fuligem, avariados por uma espécie de erosão urbana, na qual dois segundos eram equivalentes a centenas de anos (Bensimon, 2012, pp. 154-155)

“Faíscas” é o primeiro capítulo do *Todos nós adorávamos caubóis*, romance da autora com elementos de *road fiction* (Fernández, 2017) e temática *queer*. O relato contém representações que nos podem dar uma ideia aproximada da paisagem das cidades do interior do Brasil, através dos detalhes, tais como os pequenos hotéis construídos ao lado de estações de ônibus, com palmeiras de plástico e tapetes vermelhos desgastados.

Estas paisagens contrastam com as lembranças da agitação de Paris, onde uma das duas protagonistas e narradora, Cora, tinha morado pouco tempo atrás, como estudante de moda: “Júlia certamente teria gostado dos grandes bulevares e dos detalhes dourados da fachada da ópera e de um doce em seis camadas perfeitas e brilhantes na vitrine da confeitaria” (Bensimon, 2012, p. 153). Por contraste, as cidades do interior são retratadas como um lugar de modernidade agressiva e artificial, que contrasta de modo violento com a tradição: “Assustava-me pensar que as preferências estéticas de alguém podiam estar resumidas naquele mastodonte branco de dezassete andares, que se destacava na quadra como uma mulher nua em uma congregação de freiras ou como uma freira no I Encontro Brasileiro dos Praticantes do Poliamor.” (Bensimon, 2012, p. 150). Essa visão ironicamente disfórica também é destacada no conto através da descrição da beleza de paisagens menos contaminadas

pela modernidade:

O entorno, pelo menos, era mesmo bonito. Andei uns passos à frente e olhei para o vale lá embaixo, salpicado de casas de madeira. Algumas chaminés fumegavam, alguns cães latiam, algumas crianças corriam ao redor de outra e, por causa de seus braços esticados, palmas abertas, passos curtos, dava para supor que ela estava com uma venda nos olhos (Bensimon, 2012, p. 157)

O relato propõe, assim, uma radiografia do problemático processo de introdução da modernidade no Brasil e a tensão entre progresso e natureza, que podem ser encontrados, de diversos modos, nas obras de alguns dos mais consagrados ficcionistas brasileiros contemporâneos, como Milton Hatoum.

Por outro lado, na ficção brasileira contemporânea, diversas obras optaram por situar suas histórias em contextos internacionais. A literatura brasileira reflete, por exemplo, através do tema da viagem e das experiências de alguns dos seus personagens a perspectiva única do Brasil no processo de globalização, retratando brasileiros situados noutros países e interagindo com outras culturas. Tal como afirma Néstor García Canclini em *Latino-americanos à procura de um lugar neste século* (2008), as viagens e os deslocamentos continuam marcando a cultura e a literatura da região. Essas ficções exploram frequentemente temas complexos ligados à identidade nacional, cultural e pessoal em múltiplas dimensões.

A título de exemplo dessa tendência podemos referir os romances *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho, *O livro dos mandarins* (2009), de Ricardo Lísias, ou *A Chave de Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, os dois últimos, autores publicados na antologia. As suas obras representam de modo paradigmático o fenômeno examinado por Canclini, que afirma que “A América Latina não está completa na América Latina. Sua imagem é devolvida em espelhos dispersos no arquipélago das migrações” (2008, p. 25), para, mais à frente explicar que

Para escritores e artistas plásticos, a experiência do estranhamento

serve para olhar o país de origem de um outro modo. Boa parte das “constituições” literárias das nações latino-americanas foram escritas no exterior [...] Todos peregrinos pensando à distância o sentido do lugar de origem. Hoje são outros os setores sociais que viajam pelo mundo, e por razões variadas: emigrantes e empresários, estudantes e professores, artistas e líderes de ONG, políticos e intelectuais (não apenas quando somos empurrados para o exílio político) (Canclini, 2008, pp. 29-30).

Assim, na antologia, encontramos o protagonista do relato “O que você está fazendo aqui”, que viaja constantemente devido à natureza do seu trabalho, deslocando-se incessantemente pelos principais aeroportos do mundo. O seu ambiente de trabalho é complexo, os seus clientes são pessoas de diferentes países, e a sua namorada é alemã. O seu relacionamento, transnacional, não é fácil, pois ele só a pode ver durante um certo período de tempo todos os anos, quando vai à Alemanha em viagem de negócios. Por conseguinte, os seus pensamentos são marcados pela dimensão internacional, com uma visão globalizada, mas cética em relação à própria identidade: “Laços de sangue não são laços de afeto. Laços de nacionalidade não são laços de identificação. Não há lugar ou cultura no mundo com a qual eu me identifique” (Geisler, 2012, p. 49).

Em contraste, “Fragmento de um romance” conta a história de um escritor estrangeiro que viaja a outro país em busca de inspiração e conversa com Lena, a irmã de Maike, a mulher que arrenda ao escritor o apartamento em que ficará durante a sua estadia. O relato é novamente marcado pelo tema da viagem, uma vez que Maike não pode receber o escritor, “carregado de malas, bolsas e sacolas do Duty Free”, porque “o voo dela saía às quatro” (Saavedra, 2012, p. 233), tal como explica Lena.

Os diálogos entre Lena e o escritor nos revelam de modo fragmentar a intimidade de dois indivíduos solitários, que depois de falar sobre as suas vidas e, principalmente, sobre o ofício de escritor, se envolvem num jogo de sedução.

O “conto se passa em um ambiente urbano, repleto de prédios, restaurantes e apartamentos, tendo sua narrativa linear e focada na interação entre Lena e o escritor”

(Scheibel, 2022). Assim, o espaço urbano serve apenas como pano de fundo dessa relação e, igualmente, dos vínculos afetivos e familiares existentes entre Lena e Maike, retratada através das reflexões da sua irmã.

Maike é descrita por Lena como uma mulher rigorosa e organizada, capaz de manter as coisas em ordem, enquanto Lena é uma mulher desorganizada e espontânea, que gosta de explorar coisas novas, é curiosa, apaixonada e direta. As diferenças entre as duas irmãs reflectem também o facto de os papéis das mulheres contemporâneas já não serem estereotipados, mas sim ricos e diversificados, e de cada mulher ser um indivíduo independente com a sua própria personalidade.

Em “Temporada”, Emilio Fraia conta duas histórias que se passam em épocas diferentes no interior de São Paulo, no presente, e em Londres, no passado, num “conto perturbador, mais pelo que não diz pelo que diz”. No relato, “[u]m solitário fazendeiro recebe uma visita de um sujeito que o faz lembrar um episódio da juventude: ambos os tempos da narração são obscurecidos por uma ameaça difusa que nunca se explica ou se desvela” (Bressane, 2012).

Na abertura, observamos o fazendeiro e um empregado à procura de um corpo na piscina do hotel gerido pelo protagonista no interior de São Paulo. A história começa, assim, com um mistério que não será revelado, pois “when the water has gone down the drain [...] we are left with the strange remains and unidentifiable particles of what lies at the bottom” (Montes, 2012). A partir dessa imagem inicial, “[w]e read about residual lives: about what’s left of them once everything has been drained away. We are faced with a devastated man at the deep bottom of the interior of São Paulo; and then to that man when he was a promising tennis player in London, many years before” (Montes, 2012).

Por oposição à imagem do presente no interior de São Paulo, o retrato da vida passada em Londres está cheio de traços de modernidade: uma cidade grande e sofisticada, campos de ténis limpos, pubs frequentados, jogadoras bonitas que falam umas com as outras e partilham interesses semelhantes e estudantes ruivos de espírito aberto.

O maravilhoso da escrita é que desde o início, quando estão a procurar o corpo, “[o] empregado balança a cabeça e diz que aquilo não faz o menor sentido: se estivesse mesmo aí, senhor, o corpo estaria boiando” (Fraia, 2012, p. 117). Para nós, leitores, apesar da descrição do dinamismo da vida londrina, há uma sensação de que a verdade está a ser escondida, pois até ao fim a impressão de uma "ameaça difusa" a ensombrar a história presente e passada nos leva a procurar identificar aquilo que nos perturba, mas o enigma permanece por desvendar.

Um exemplo mais extremo desse fenômeno – o da importância do tema da viagem na literatura contemporânea – presente na antologia é o relato de Ricardo Lísias, “Tólia”, em que o narrador em crise não só retrata de modo delirante e estranhado a sua breve estadia em Moscovo, como também tece habilmente os fios da história da sua entrada numa seita na Rússia. O conto é narrado por um escritor em crise reconvertido num jogador de xadrez, que viaja para a Rússia para aprender a língua e melhorar ao xadrez, mas, após dez dias, desiste do xadrez e embarca numa experiência alucinada.

O relato inicia-se *in media res*, ou seja, quando o protagonista já foi captado e convive com o Mestre Maior Anatoly, o urso Tólia e os outros membros da seita no interior da Rússia. O urso que intitula o conto entra na história de uma forma muito natural, uma vez que Tólia é apresentado como um urso iluminado logo no início da história.

A partir dessa abertura que anuncia o tom alucinado do relato, o protagonista fala do seu passado e da sua personalidade, perfeccionista, misturando, num hábil jogo ficcional, elementos que evocam uma certa projeção biográfica do autor, Ricardo Lísias, na escrita:

Fui fazer o curso de letras numa cidade próxima a São Paulo. Aos poucos o xadrez ficou de lado. Escrevi um conto que acabou elogiado por um dos professores. Esse sucesso inicial foi importante, mas o que me impulsionou foi a descoberta que fiz enquanto redigia o meu primeiro romance, *Cobertor de estrelas*: se revisasse com cuidado o manuscrito, conseguiria entender

muita coisa da minha personalidade. Quem gosta de criar padrões adora repetir tudo. Fiquei fascinado e nos dez anos seguintes deixei o xadrez para publicar três romances e um livro de contos.

Os dez anos de convívio íntimo com a literatura representaram minha entrada na vida adulta. A pós-graduação, os empregos, as viagens, as convivências afetivas, tudo o que eu fazia estava de alguma forma ligado aos meus textos.

Mas com o tempo minha satisfação diminuiu. Depois de *O livro dos mandarins*, não consegui mais aplacar a agitação do meu corpo (Lísias, 2021, p. 56)

No lúcido e delirante entrecruzamento de ficção e verdade que caracteriza a escrita de Lísias, identificamos facilmente alguns dados biográficos do escritor, que publicou romances e contos, entre eles *Cobertor de estrelas* e *O livro dos mandarins* e iniciou a sua carreira em paralelo às atividades acadêmicas, primeiro como aluno de Letras na Universidade de Campinas (Licenciatura e Mestrado) e, posteriormente, na Universidade de São Paulo (Doutoramento). Enfim, os indícios de referencialidade misturam-se com a história desvairada do protagonista, numa prática que foi denominada “o jogo estético da ambiguidade” (Vieira, 2017, p. 191) num estudo sobre o romance *Divórcio* e o modo como a autoficção e a metaficção dominam essa obra de Lísias.

No relato publicado na *Granta*, o protagonista, desencantado da escrita, circula durante dez dias por Moscovo, semeando o seu discurso de breves impressões estereotipadas do caráter nacional, tal como ilustram os seguintes exemplos: “Os russos definitivamente não são amigáveis” e “A fama dos russos me estremecia de medo” (Lísias, 2012, p. 58).

Em contrapartida, essa imagem estranhada e superficial dos moscovitas e da cidade é oposta no relato às breves referências à paisagem e aos moradores do interior do país, onde o protagonista se situa no presente da narração, como membro da seita. A natureza é amena, o verão é agradável, os lagos são abundantes e as pessoas hospitaleiras e devotas – ou, olhando a partir de fora e de modo crítico, supersticiosas. Uma imagem, enfim, idealizada do povo do interior do país, como podemos observar

nas seguintes afirmações do narrador: “Os fazendeiros sabem que o solo onde Anatoly pisa e Tólia dorme jamais abrigará uma peste e a colheita será abundante. Todos nos recebem muito bem e anseiam pela nossa chegada” (Lísias, 2012, p. 52) e “Quando estamos em uma fazenda, normalmente o proprietário dispensa os lavradores. Felizes, eles também nos deixam prendas. A maior parte da roupa que usamos vem daí” (Lísias, 2012, p. 53). A visão da Rússia do narrador-protagonista em crise é, portanto, superficial: preconceituosa em relação à modernidade urbana e idealizada em relação ao mundo rural – louvado também pelo seu atraso, materializado na sua adesão absoluta à desvairada doutrina e às extravagantes crenças do grupo dos Mestres do Olho Interno.

Por último, “Aquele vento na praça”, de Laura Erber conta uma história integralmente situada na Romênia, em que o protagonista viaja milhares de quilômetros até Bucareste, capital do país, para comprar uma obra proibida do famoso artista Paul Neagu, tal como lhe pediu um amigo. Mais uma vez, o texto descreve muito pouco a paisagem e a cultura urbanas: apenas algumas palavras numa linguagem muito simples e a impressão dos habitantes, que acham que “a capital fede”, focando o relato, sobretudo, a paixão pela arte de vários dos personagens.

3.2.2. A representação da História recente do Brasil e da América Latina

A literatura brasileira contemporânea reflete profundamente a complexidade e a diversidade que caracterizam a História do país e do continente, questionando as narrativas históricas oficiais e revelando verdades ocultas, especialmente ao tratar das cicatrizes deixadas pela colonização e as ditaduras.

Neste sentido, na leitura da antologia verifica-se que uma parte dos escritores se debruçou sobre a ditadura militar, destacando o impacto da ditadura na sociedade e na vida dos brasileiros durante 21 anos, mas também sobre o impacto que as ditaduras de outros países latino-americanos tiveram no Brasil, nomeadamente através do exílio, o que confere à coletânea originalidade no tratamento da história recente do continente

americano.

A antologia, como já foi referido, inclui autores descendentes de imigrantes ou exilados latino-americanos no Brasil, tais como Julián Fuks ou Miguel Del Castillo.

No caso de “O jantar”, de Julián Fuks, o texto narra a visita de um homem jovem brasileiro à tia que mora em Buenos Aires. Nessa visita, o jantar que intitula o relato é marcado pelo abismo que separa os dois personagens, ligados por vínculos familiares, mas não afetivos ou ideológicos, como rapidamente é revelado. A tia inominada do protagonista, Sebastián, mostra-se, durante o encontro, revoltada pela situação política de uma Argentina já democrática, em que, de acordo com a sua visão, a Presidenta do país “se apossou da Casa Rosada apenas para fazer seus estragos”, apoiada por “escuras tramas” (Fuks, 2012, pp. 116-117).

Além de acreditar nessas teorias da conspiração que pretendem minar as bases em que a democracia argentina assenta, ela se mostra insensível ao sofrimento das vítimas da violência da ditadura, mas tem muita compaixão pelos militares que participaram na Guerra Suja e que se tornaram homens solitários e velhos. Na conversa com o sobrinho, ela esquece-se de como a sua própria família foi perseguida e como foi obrigada a exilar-se. A tia do protagonista é uma grande admiradora de Jorge Rafael Videla, responsável pela Guerra Suja na Argentina, enquanto o protagonista é uma vítima dessa Guerra Suja, pois os seus pais foram perseguidos. O conflito entre os dois representa a divisão da sociedade argentina e os efeitos dos regimes totalitários no presente. De acordo com Rodrigues:

Ouvir as palavras da tia faz com que Sebastián sintá-se preso "entre as paredes que encerravam o terror", voltando em pensamentos a uma estrutura de opressão e a um "cenário do mal maior". Assim, a narrativa relembra as práticas do terror em suas minúcias, relatando como se fossem as palavras de um guia turístico o percurso de agonia e dor dos homens e mulheres que foram presos, torturados e mortos por um violento regime totalitário (Rodrigues, 2023, p. 125).

Na extensa e objetiva enumeração e descrição das torturas perpetradas pelos

militares presente no conto encontramos a expressão literária do trauma, o que nos permite situar o texto no momento da “pós-ditadura”. Esta categoria foi proposta por Idelber Avelar (2003, p. 27) para pensar a contemporaneidade como um tempo inevitavelmente marcado pela experiência das ditaduras na América Latina, cujas culturas continuariam a ser ensombradas por esse fracasso histórico, que provocaria um constante trabalho de memória e luto nas diversas expressões artísticas, nomeadamente, na literatura.

Igualmente, no conto “Violeta”, de Miguel Del Castillo, o protagonista é uruguaio, mas viveu no Rio a vida toda e o seu relacionamento com a cultura uruguaia é escasso, como demonstra o facto de ter aprendido aos poucos o espanhol e não ser proficiente na língua da sua família. Miguel Angel, o primo do pai do protagonista deste texto, foi uma das vítimas envolvidas na luta política contra a ditadura militar do Uruguai. Na juventude era estudante de Arte, mas o golpe militar colocou-o no caminho da revolução, como membro do Movimento de Libertação Nacional – Tupamaro, um grupo guerrilheiro uruguaio e, finalmente, ele teve de fugir ao Chile para evitar ser capturado. Contudo, o Chile também entrou num período de ditadura, tornando a sua situação cada vez mais difícil. O seu destino como revolucionário era acabar sendo atirado ao mar e ele tornou-se, afinal, um desaparecido. Tal como é dito no início do relato, o protagonista, nomeado como o familiar desaparecido, passou muitos anos sem conhecer a história de Miguel Angel, cujo nome herdou, ou a história da sua família, mas, no presente, carrega consigo o peso do passado e da memória:

Olhando pela janela do avião no pátio, penso na melancolia que esse país sempre me causou, mas por quê? Parece-me que não são os prédios do centro antigo, nem o sol da tarde nos bancos de pedra vermelha da rambla. Talvez sejam as pessoas e tudo que já me disseram, que o Uruguai era assim mesmo, ah o tempo em que o Zitarrosa ainda estava vivo etc., os ex-tupamaros. Talvez sejam os restaurantes e seus garçons idosos [...] Imagino Miguel Angel comendo num desses bares [...] (Castillo, 2012, p. 200)

Por causa desse peso do passado, o protagonista de “O Jantar”, considera

indispensável que os estados democráticos latino-americanos e os seus cidadãos não abandonem a memória, a verdade e a justiça:

Trinta mil pessoas eles mataram. Para não falar de todos os torturados, os perseguidos, todas as crianças sequestradas, todas as migrações forçadas de que eles foram responsáveis. Por mais caquéticos que se vejam esses militares hoje, há uma importância simbólica em que sejam, de algum modo, punidos. Para que eles e seus seguidores saibam tão bem quanto possível o mal terrível que perpetraram. (Fuks, 2012, p. 97)

Focando especificamente a História do Brasil do século XX, marcada pelas ditaduras, encontramos uma breve referência ao Getulismo no conto “Natureza-morta”, de Vinícius Jatobá:

uma bala desgraçada no peito agora veja lá se isso é maneira de morrer por acaso, Pedro, um homem como Getúlio terminando seus dias assim, dessa maneira, um homem inteiro e íntegro como esse país jamais teve terminando assim, é uma vergonha, é um disparate, papai tentando imaginar algum futuro para tudo aquilo e dizendo para si mesmo que o Brasil estava fudido, o Brasil assassina seu futuro todo santo dia, um país sem inimigos que se destrói, que se humilha e que humilha todos que sonham coisas belas, era o que dizia, todas as coisas belas morrem jovens nesse país de merda, um país sem inocência, dizia meu pai (Jatobá, 2012, p. 209)

Um vislumbre da vida durante a ditadura brasileira, pode ser encontrado em “F para Welles”, que destaca os efeitos da retórica nacionalista e repressiva na sociedade brasileira:

A julgar pelo golpe militar de 64, mais gente pensava daquele jeito: é preciso manter a ordem a qualquer custo, é preciso repelir os bárbaros, os estudantes, os comunistas, os desprovidos de moral. (Xerxenesky, 2012, p. 128)

Meu pai se encontra sentado na sua poltrona favorita. Pega o jornal do dia (só lia as notícias depois do almoço) e começa a contar algo para minha mãe.

O seu tom de voz aumenta a cada palavra. Ele fica visivelmente empolgado com algo. Então joga o jornal longe, corre até o armário do quarto (eu o sigo até lá, curiosa) e puxa, da prateleira de cima, uma bandeira empoeirada do Brasil. Volta a passos largos até a sala e pendura a bandeira na janela. Volta a se sentar na poltrona e desaba a chorar. (Xerxenesky, 2012, p. 128)

A antologia integra, assim, textos que ilustram um fenômeno identificado por Fernando Perlatto na década de 2010 e baseado no novo impulso experimentado pela escrita literária sobre a ditadura militar brasileira – e não só –, um impulso que, de acordo com o historiador brasileiro, teria sido estimulado pelo advento do cinquentenário da ditadura, em 2014 (2017, p. 723).

3.2.3. O questionamento da identidade nacional e a representação das minorias

Como sabemos, a história do Brasil está marcada por processos complexos de colonização, imigração e coexistência problemática de diferentes culturas, línguas e crenças. O Brasil é um caldeirão multicultural, formado, até ao século XIX, pelo processo de colonização, o extermínio das populações indígenas e o tráfico de escravos da África Ocidental. Além disso, nos séculos XIX e XX, o Brasil foi influenciado também por importantes vagas migratórias, que levaram ao país um grande número de imigrantes europeus, asiáticos e do Médio Oriente. Como resultado desses processos históricos e da miscigenação e conflitos deles derivados, o questionamento da identidade nacional é frequente na literatura brasileira.

Embora o Brasil se tenha descrito frequentemente como uma "democracia racial" e um país "racialmente integrado", como resultado do longo período de domínio colonial e da escravatura, as relações raciais no Brasil estão longe de ser pacíficas, pois, como é sabido e denunciado em muitas obras literárias contemporâneas, existem desigualdades sociais e económicas claras e persistentes entre a classe dominante, de origem predominantemente europeia, e os oprimidos, entre eles, muitos afrodescendentes e indígenas. Este contexto histórico complexo fez e faz com que

muitas pessoas experimentem confusão ou conflitos relativamente à sua identidade, tanto a nível cultural como étnico.

A literatura tornou-se, neste sentido, um meio importante para refletir sobre essas complexas experiências identitárias, a partir de diferentes perspetivas.

Em primeiro lugar, relativamente ao questionamento da identidade nacional a partir da perspetiva de minorias ou grupos historicamente marginalizados, vale a pena destacar a ausência de textos que reflitam sobre a identidade de uma perspetiva afro-brasileira, a pesar da sua crescente importância na literatura contemporânea brasileira, com o surgimento de obras como, para só citar um exemplo, *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, que explora a questão da identidade racial e da adaptação social dos descendentes da escravatura na sociedade moderna através da história de vida de uma mulher afro-brasileira, demonstrando a complexa dinâmica da opressão racial e da segregação social e cultural.

Quanto à identidade dos povos indígenas, ela é representada brevemente na antologia, através do tema da tensão entre tradição e modernidade. Como é sabido, os indígenas foram os primeiros habitantes do Brasil, com uma longa história e culturas e modos de vida únicos. No entanto, com a expansão colonial e a modernização, as suas terras, os seus modos de vida e direitos foram gravemente violados. Os povos indígenas são ainda hoje frequentemente marginalizados na sociedade brasileira e enfrentam uma grave escassez de recursos económicos e sociais. Atualmente, os povos indígenas não só têm de preservar e transmitir as suas culturas, como também, muitas vezes, têm de se adaptar a um ambiente social em mudança. Este conflito entre cultura e modernidade torna a questão da sua identidade e da identidade nacional particularmente complexa e aguda.

A antologia retrata brevemente a vida dos índios de uma perspetiva ocidental no referido texto de Leandro Stamatiz “Você tem dado notícias”, em que encontramos algumas breves referências do protagonista ao seu contato e convívio com os pataxós:

Alguém havia me falado dessa tribo — os pataxós-hã-hã-hães, no sul da Bahia —, índios que ainda guardavam muito da sabedoria nativa antes da chegada dos europeus, vivendo numa espécie de estado pré-adâmico. Passei quase um ano tomando cauim enquanto penteava (seguindo um ritual estabelecido) os cabelos repletos de piolhos saltitantes dos defuntos ainda fresquinhos da tribo [...] Apesar de o banho ser de fato uma atividade importante na tribo. (Stamatz, 2012, p. 128)

As culturas indígenas têm desempenhado um papel importante na história do Brasil e, apesar de séculos de colonização e assimilação, algumas delas conseguiram sobreviver. A visibilidade e defesa da cultura e do modo de vida dos indígenas estão a conquistar um lugar de destaque na literatura dos últimos anos, nas obras dos autores da denominada literatura indígena, como Eliane Potiguara, Daniel Munduruku ou Graça Graúna, mas também nas obras de outros autores brasileiros, como Micheline Verunschik.

A presença das culturas indígenas na literatura brasileira dos nossos dias não pretende apenas apresentar os seus tesouros culturais, mas refletir criticamente sobre a destruição e o trauma que o domínio colonial infligiu às sociedades indígenas, sendo, ao mesmo tempo, uma literatura de resistência.

No relato de Stamatz, além dessa breve referência aos modos de vida indígenas preservados na contemporaneidade, encontramos ainda, com maior protagonismo, o questionamento da identidade nacional a partir da perspectiva dos imigrantes ou seus descendentes.

A questão da identidade nacional é particularmente complexa para eles, devido ao facto de, numa sociedade plural e diversa, enfrentarem não só processos de mistura e o conflito entre a sua cultura de origem e a cultura do país de acolhimento, mas também a questão do estatuto social e, em muitos casos, da identidade étnica no novo ambiente. Em conjunto, estes fatores levam a um questionamento e a uma reflexão aprofundada sobre a identidade nacional. Os escritores brasileiros que focam esses assuntos apresentam uma perspectiva única a respeito do nacionalismo e a identidade,

na qual uma personagem que se move entre múltiplos mundos examina o processo de fusão das suas próprias raízes culturais e das da sua família com a cultura nativa brasileira. Muitas vezes fortemente autobiográficas e historicamente reflexivas, essas obras exploram diversos temas, como a tensão entre a adaptação e a aculturação, a aquisição da língua e a integração no novo espaço, as relações raciais, a memória e a história familiar ou a reflexão sobre a História moderna e contemporânea. Muitos escritores contemporâneos, descendentes de imigrantes, usam a literatura para contar suas histórias pessoais e familiares, investigando as maneiras pelas quais os indivíduos mantêm sua herança cultural e buscam e constroem suas identidades em novos ambientes sociais, enquanto documentam suas lutas mais profundas e reflexões sobre sua identidade, bem como as oportunidades e os desafios que enfrentam. Estas narrativas, frequentemente, combinam experiências pessoais e sociais, nacionais e globais para demonstrar a fluidez e a diversidade da identidade na contemporaneidade. Reconhecem que a identidade pode estar profundamente enraizada em culturas tradicionais ou evoluir em novos contextos.

A necessidade de se adaptar a uma nova cultura e sociedade é o primeiro desafio que os novos imigrantes enfrentam quando chegam ao Brasil. Isso envolve não apenas o aprendizado da língua, mas também a compreensão e a integração dos costumes, valores e normas sociais locais.

A partir desse processo de adaptação, as famílias de imigrantes muitas vezes experimentam emaranhados culturais e diferenças e conflitos intergeracionais. Os imigrantes de primeira geração tendem a manter e transmitir a cultura de origem, enquanto os filhos e netos, nascidos no Brasil, se sentem integrados na cultura brasileira. Esta tensão intergeracional torna-se frequentemente uma fonte de conflito no seio da família e provoca dúvidas e problemas identitários na geração mais nova. Assim, na denominada literatura migrante encontramos aquilo que Pierre Ouellet denomina sensibilidade migratória, caracterizada pelas formas de percepção do Outro e da própria alteridade e pelas tensões de uma subjetividade que não é estável, está sempre em mutação interna e atenta (2003, p. 14).

Um exemplo paradigmático disso pode ser encontrado no já referido relato “Você tem dado notícias”, em que a segunda geração, a dos filhos dos imigrantes entra em conflito com a geração anterior, aqui representada pelo pai do protagonista, pertencente a uma família judaica que preserva e pratica, com forte ênfase, os rituais tradicionais, e pelo seu sogro, que se considera um “bom imigrante”, não esquece a sua origem, vai à sinagoga todas as semanas e decora a sua casa “senhorial” com finas flores judaicas, menorás e uma imagem de Jerusalém, centro da fé judaica.

Diferentemente deles, o protagonista considera que se livrou das armadilhas da geração anterior, pois “para eles eu devia representar a continuidade da tradição, a chama a arder no futuro” (Stamat, 2012, p. 175). Apesar das expectativas familiares, ele não será como a geração anterior de imigrantes, cheios de incertezas sobre o Brasil, sobre a vida, sobre sua identidade, humildes e discretos no novo país: “Uma geração anterior teria tomado todos os cuidados possíveis para não deixar transpirar uma gota de arrogância” (Stamat, 2012, p. 177). Diferentemente deles, o protagonista quer ser, com todas as suas forças, um jovem brasileiro médio: “[a] sexualidade. A recusa ao mundo dos pais. Novos costumes sepultando hábitos seculares. O filho do imigrante fingindo ser mais nativo do que aqueles que estão no país há duzentos anos” (Stamat, 2012, p. 177).

Apesar dessa atitude do protagonista, ele e a sua esposa, como membros da segunda geração, ainda conservam traços de sua educação tradicional. Por exemplo, apesar de a sua mulher ser uma mulher moderna, ela continua a ter vergonha de não ser virgem na altura do casamento e quando o casamento se desfaz, a solução que encontram consiste em recorrer ao velho juiz que regula os casamentos e divórcios judeus.

Por último, relativamente à representação das minorias na antologia e o questionamento da identidade, importa referir que as questões de identidade enfrentadas pela comunidade LGBT no Brasil envolvem frequentemente um conflito entre a identidade de género e as expectativas sociais. Embora o Brasil seja relativamente tolerante com a comunidade LGBT e as garantias legais sejam

adequadas, em certos níveis, a discriminação e a exclusão social com base no gênero e na orientação sexual persistem em casa, no trabalho e socialmente.

Neste sentido, consideramos relevante referir o texto “Faíscas”, de Carol Bensimon, que, como já foi dito, é o primeiro capítulo do *Todos nós adorávamos caubóis*, romance de temática *queer*, que reflete sobre as tensões existentes entre a afirmação *queer* e a cultura tradicional, retratada na viagem realizada pelas protagonistas por um interior marcado por um modo de vida pacato e conservador.

3.2.4. Os conflitos familiares

Segundo Vasconcelos (2008, p. 20):

O conflito é um dissenso. Decorre de expectativas, valores e interesses contrariados. Embora seja contingência da relação humana, e, portanto, algo natural, numa disputa conflituosa costuma-se tratar a outra parte como adversária, infiel ou inimiga. Cada uma das partes da disputa tende a concentrar todo o raciocínio e elementos de prova na busca de novos fundamentos para reforçar a sua posição unilateral, na tentativa de enfraquecer ou destruir os argumentos da outra parte. Esse estado emocional estimula as polaridades e dificulta a percepção do interesse comum.

Na literatura brasileira dos nossos dias, a publicação de obras que abordam o tema dos conflitos familiares têm, de fato, apresentado um aumento anual nas últimas décadas. Segundo dados estatísticos da Câmara Brasileira do Livro (CBL), a venda de romances e ensaios sobre conflitos familiares não parou de crescer nas últimas décadas.

O conseqüente aumento da procura dos leitores por temas relacionados com a vida e os problemas familiares pode ser verificado nas listas dos livros mais vendidos das principais livrarias brasileiras, como a Livraria Cultura e a Saraiva. As discussões em revistas literárias ou, mesmo, em *blogues* e outras plataformas e redes digitais também indicam que cada vez mais leitores estão ávidos por conhecer e refletir sobre

a complexidade das estruturas e relações familiares através da leitura de ficção. Esse aumento da demanda se deve, em parte, às mudanças sociais, com o enfraquecimento das estruturas familiares tradicionais, o avanço dos direitos das mulheres e das minorias e o aprofundamento da preocupação da sociedade com questões psicológicas.

A atenção do sistema literário para este tema também está a aumentar de outros modos. Além da venda de livros, grandes prêmios literários, como o Prêmio Jabuti e o Prêmio São Paulo de Literatura, têm premiado com frequência obras que abordam, de diversas perspectivas, o tema dos conflitos familiares. Em 2019, por exemplo, o Prêmio Jabuti foi concedido ao romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, que explora conflitos intergeracionais e raciais no seio familiar.

No caso da antologia e, de modo mais geral, da ficção brasileira contemporânea, um primeiro tema relevante é o dos referidos conflitos geracionais e a exploração da identidade ligada a esses conflitos. O choque entre ideias tradicionais e modernas é um tema recorrente na literatura brasileira. A geração mais jovem colide com os valores tradicionais, especialmente no contexto de uma sociedade em rápida modernização, onde os jovens tentam encontrar um equilíbrio entre a preservação das tradições e a busca da liberdade pessoal. Como já foi dito, “Você tem dado notícias” conta a história do conflito entre uma família tradicional e um casal jovem, que se considera parte de uma nova geração de judeus, livre, autoconfiante, forte. Tal como referido anteriormente, o protagonista e a sua mulher provêm de famílias judaicas tradicionais, com regras domésticas rígidas, e a interferência excessiva nas suas vidas faz com que, finalmente, o protagonista não consiga suportar os constrangimentos e a pressão familiar e decida deixar a sua casa para procurar a verdadeira liberdade.

Igualmente, o abandono marca a vida do protagonista do conto “A febre do rato”, que, ao não querer fazer face à doença da mãe na velhice, sai de casa e não volta até à morte da mãe.

Já em “Mãe”, de Chico Mattoso, o personagem principal, filho de um pai solteiro, recorda o tempo que passou com a mãe depois de a ter perdido, dominado pela

lembrança da sua complexa relação afetiva:

A ideia de que nem mesmo sua vida social estivesse a salvo da mulher que o gerou só não era pior que a percepção de que, na base de tudo, seus problemas com ela não passavam do reflexo de um amor avassalador, uma ternura total e desesperada, que servia de adubo para as manifestações secundárias do ódio, do desprezo e da culpa (Mattoso, 2012, p. 110)

A tensão entre as ideias antigas e as novas, presente em “Você tem dado notícias”, também é mencionada ainda em “F para Welles”, onde o conflito assume contornos atrozes. Os pais da protagonista, Anna, são um casal convencional e conservador, enquanto ela é uma jovem *new-age* que ouve música *rock*, proibida pelos pais. Contudo, no caso desse conto, os pequenos conflitos e tensões transformam-se num abismo quando a protagonista encontra o pai, que sempre admirou, a violar a irmã mais nova, trauma que a leva a se transformar numa assassina implacável, numa sociedade que se revelou para ela uma farsa absurda.

Para além destas complexas relações, é de salientar que a normalidade no relacionamento entre pais e filhos também é tratada na antologia, através das relações de duas gerações de pais e filhos – pai e filho, avô e pai – em “Apneia”.

Por sua vez, o conto “Natureza-morta” foca os problemas familiares, adotando também outra perspectiva, a dos problemas conjugais. O texto de Vinícius Jatobá, mostra a vida de uma família através de múltiplas perspectivas, a do marido, da mulher e dos filhos. Para terem uma casa própria, os pais compram um pedaço de terra, mas a localização geográfica e as condições do terreno não são boas. A propriedade fica longe da cidade, longe do trabalho e a terra é húmida e pantanosa. Para ajudar ao sustento e tomar conta da família, o marido trabalha muito e a mulher faz trabalhos manuais para manter a casa em ordem. No conto é relatado de modo realista como essa família, que não é rica, mas quer ter uma casa apesar do magro ordenado, vê-se obrigada a escolher uma zona remota, suportar as longas deslocações e trabalhar em conjunto, pouco a pouco, para tornar a casa o lar imaginado.

A frustração derivada do facto de trabalhar durante muito tempo, mas o salário continuar a não ser elevado e o processo de promoção no emprego ser incerto, é expressa através da perspectiva da esposa, que lamenta trabalhar mais, sacrificar muito, usar a mesma roupa velha durante todo o ano, comer simples, para tentar poupar um cêntimo.

As personagens do texto são pessoas comuns e através delas a complexidade da natureza humana é mostrada de forma muito completa. Paulo, o marido adúltero, não é totalmente impenitente, mostrando algum arrependimento, mas, ao mesmo tempo, é culpado de ser infiel. Devido aos seus baixos rendimentos, tem de contar com o trabalho árduo da mulher para sustentar a família, o que o faz sentir-se culpado e, ao mesmo tempo, frustrado com a expectativa da mulher de uma vida melhor no futuro. Assim, a pressão sentida por não ver esperança à sua frente deixa o marido deprimido, com medo e com vontade de fugir de tudo. A esposa também não representa a imagem ideal da mulher, mas fica extremamente perturbada quando toma conhecimento da traição do marido: “agora isso Paulinho com mulher fora que Ana me disse, com vontade de morrer de tanta vergonha e me sentindo ridícula barriguda e me odiando por amá-lo da maneira como eu o amava, desejando a morte ali diante dos olhos dos curiosos” (Jatobá, 2012, p. 209).

As palavras da mulher também nos permitem refletir sobre os papéis de género e os estereótipos sociais associados às identidades de género e sexuais, um tema importante na literatura contemporânea. Com a ascensão da consciência feminista, os papéis de género e a distribuição de poder no seio da família são cada vez mais explorados na literatura.

Ainda, outros dois relatos da antologia realçam uma visão nostálgica do casamento, dominada pelo sentimento de perda. “Noites de alface” e “Teresa” retratam a perda de um parceiro na perspectiva de um viúvo e de uma viúva, respetivamente, dominados pelas reminiscências e a nostalgia relativamente aos bons momentos que partilharam durante a vida. Em “Noites de alface”, após a morte da sua mulher Ada, a vida de Otto parece ter parado na memória da vida da sua mulher antes

de ela morrer e das recordações da beleza dos seus cinquenta anos de vida conjugal. O conto, integrado no romance homónimo, publicado em 2013, “nos guia pelas etapas do luto e pelas mudanças ocasionadas na vida de Otto em decorrência do falecimento da companheira” (Scheibel, 2022).

Em “Teresa”, o marido da protagonista morreu de modo trágico devido a uma inundação. Teresa, já idosa, vive com o filho e a nora e faz os trabalhos domésticos na casa. Sentindo de modo ambíguo a falta do marido, projeta o seu dilema na história bíblica de Elias: o marido, de origem humilde, como ela, tinha-se mudado ao Sul do país à procura de emprego e lá tinha ficado durante três anos. Após o regresso, o marido tinha mudado e a relação entre eles torna-se muito distante. Assim, ao pensar na perda do marido, Teresa rememora a história de Elias, nomeadamente, a sua capacidade de fazer milagres: no primeiro caso, conseguiu reviver um jovem, ensinando-lhe “ao menino morto como seria sua vida, caso acendesse os olhos” (Aguiar, 2012, p. 166). Perante o segundo pedido, Elias não conseguiu ressuscitar um homem idoso e líder da cidade, Sarepta, pois “[n]ão havia muito o que ensinar a ele acerca da vida que teria, caso decidisse voltar; pouco se poderia dizer dela e o maior elogio seria afirmar: existe”. Assim, como Elias, Teresa pergunta-se perante a perda traumática de um marido distante, “se deveria servir ao milagre, ou à verdade?” (Aguiar, 2012, p. 166).

Por outro lado, relativamente à reflexão sobre a situação socioeconómica do Brasil retratada através de personagens e famílias humildes podemos citar, por último, o relato “Valdir Peres, Juanito e Poloskei”, de Antonio Prata. Neste relato, o autor apresenta uma reflexão sobre o impacto da situação financeira das famílias sobre as crianças, que lhe permite refletir sobre a situação social e económica do Brasil na década de 1980. No início do relato, os brinquedos das crianças são parecidos, até o lançamento do álbum de figurinhas da Copa de 82, por causa do qual, como diz o narrador ironicamente, “percebemos uma ligeira diferença na distribuição de renda”. O pai de Rodrigo, um dos meninos da rua, abre uma loja de vídeo e a família passa das dificuldades económicas a uma certa fartura, simbolizada no Jeep de controle

remoto que compram para o filho, “abalando assim, pela primeira vez e definitivamente, a paridade socioeconômica entre os meninos da rua” (Prata, 2012, p. 84). Como indica Juliana Cristina de Carvalho no seu estudo do conto, “[a]s diferenças de posses vão gerando desequilíbrio, inveja, no círculo de amizade e de convivência retratado no conto” (2017, p. 4).

No relato, mais tarde, à medida que algumas famílias melhoram economicamente, os seus filhos recebem brinquedos ainda melhores, como pequenas motas ou carros de praia em miniatura, até que, finalmente, duas das famílias que se tornaram mais ricas se mudam para um bairro mais luxuoso.

Através do olhar cáustico do narrador, o conto retrata o tema da ascensão social e da importância do capitalismo no Brasil do período: “No fim das contas, sofrendo com a escassez das mais raras — Sócrates, Maradona e Paolo Rossi — e desprezando as repetidas —Valdir Peres, Juanito e Poloskei — todos aprendíamos a lei da oferta e da procura e compreendíamos os prazeres e as durezas da classe média.” (Prata, 2012, p. 83)

A visão de mundo das crianças e o seu modo de relacionamento são aprendidos dos pais, sendo um reflexo da desigualdade social e da pressão económica sofrida por muitas famílias brasileiras, tal como foi destacado por Carvalho:

Todas as transformações, desarmonias, rixas que vão ocorrendo no meio dos personagens infantis são reflexos das mudanças do que denominaremos “mundo dos adultos” e estão intimamente e diretamente ligadas às movimentações, transformações que se dão no mencionado universo (marcado pelo cenário sócio-histórico-cultural). As crianças reproduzem o que observam e absorvem dos adultos. (2017, p. 5)

Enfim, alguns dos conflitos familiares apresentados na antologia são, de facto, específicos da sociedade brasileira, intimamente ligados ao contexto histórico, cultural e económico do país. Por exemplo, a estratificação social e as desigualdades que se estendem desde o período colonial até aos dias de hoje fornecem um terreno

rico para a complexidade das relações familiares retratadas nos diferentes textos. Os conflitos intergeracionais refletem o dilema brasileiro de manter a cultura e as convenções da anterior geração no processo de modernização e, ao mesmo tempo, responder aos desafios da globalização; a exploração dos papéis de género está intimamente ligada ao surgimento do movimento feminista e *queer* brasileiro e ao questionamento dos papéis tradicionais de género. Enfim, apesar de os textos poderem ser considerados, dessa perspetiva, um mapeamento literário da realidade do país, todas essas questões, contradições e problemas podem ser vistos como reflexos de temas universais ou globais, com o tópico do fosso entre gerações, a luta pela igualdade entre os sexos e as pressões económicas a encontrarem ressonância em todo o mundo e em muitíssimos textos literários das nacionalidades mais diversas. Tanto a literatura brasileira moderna quanto a literatura de outras regiões, como, para citar só um exemplo, *The Corrections* (2001), de Jonathan Franzen, dos Estados Unidos, demonstram as contradições que surgem nas famílias modernas diante das rápidas mudanças sociais. Essas contradições resultam do choque de valores diferentes e da mudança de expectativas associadas aos diferentes papéis, e não se limitam a regiões ou culturas específicas.

CONCLUSÕES

As principais questões que surgem da pesquisa realizada são as seguintes: os textos publicados na antologia *Granta: os melhores jovens escritores brasileiros* são representativos da literatura brasileira contemporânea? Representam a voz da nova geração de escritores brasileiros? Têm tido o efeito de divulgação que se pretendia? Qual o seu grau de internacionalização e influência?

Analisando as políticas culturais e os objectivos das revistas *Granta* num contexto global e comparando as características e temas dos textos publicados na antologia com as tendências e fenômenos da literatura brasileira contemporânea, chegamos às conclusões apresentadas a seguir.

Os textos literários da antologia são, em certa medida, representativos da diversidade e da complexidade da literatura brasileira contemporânea, selecionados por editores experientes de acordo com critérios específicos, numa tentativa de abranger as muitas vozes e estilos de escritores brasileiros emergentes, mostrando as perspectivas únicas, os estilos inovadores e as preocupações temáticas desses escritores.

Neste sentido, a comparação das características e temáticas presentes nos textos da antologia com as da literatura brasileira contemporânea revela que há uma coerência entre ambas em termos de conteúdo e estilo, demonstrando, até certo ponto, a diversidade da literatura brasileira do século XXI. Grande parte dos textos exploram temas recorrentes na ficção brasileira das últimas décadas, como as questões sociais, a memória histórica, a dicotomia urbano-rural e a identidade. Essa exploração é feita a partir de uma perspectiva crítica, pois como afirma Santos “é preciso ter um espírito atento, menos admirador e mais desconfiado em relação à atualidade” (2021, p. 21) e uma linguagem frequentemente experimental, mas próxima do realismo. Conforme destaca Schøllhammer (2012, p. 124):

é certo que o 'novo realismo' se expressa na vontade de alguns escritores e artistas de relacionarem sua literatura e arte com a realidade social e cultural em que emerge, trazendo esse contexto para dentro da obra, esteticamente, e situando a própria produção artística como sua força transformadora.

Em termos temáticos podemos destacar, portanto, os quatro tópicos identificados e analisados no capítulo anterior.

Em primeiro lugar, as questões sociais presentes numa parte significativa dos textos. Compreendendo principalmente espaços urbanos, os autores mostram nas suas ficções, através de ricas técnicas literárias, a complexidade desses espaços citadinos onde convivem riqueza e pobreza, esperança e desespero.

Em segundo lugar, as relações entre História e memória. A antologia é original no tratamento da história recente do continente americano, presente nalgumas das ficções examinadas. Ao tratar das cicatrizes deixadas pela colonização e pela ditadura, isto é, o seu impacto na sociedade atual, tanto no Brasil como noutros países da América Latina, é questionada a narrativa histórica oficial dos 'vencedores'.

Em terceiro lugar, a identidade. O Brasil foi, frequentemente, apresentado a partir do tópico da “democracia racial”, mas, como sabemos, há claras e persistentes desigualdades sociais e económicas entre a classe dominante, predominantemente de origem europeia, e os oprimidos, incluindo muitos afrodescendentes e indígenas. A literatura tornou-se um meio importante de refletir sobre estas experiências complexas de identidade a partir de uma variedade de perspectivas, o que também inclui o questionamento da identidade nacional por grupos minoritários ou historicamente marginalizados. Neste sentido, na antologia encontramos, principalmente, textos representativos da literatura migrante, que reflectem sobre as formas como os indivíduos em contextos multiculturais procuram posicionar-se entre a tradição e a modernidade, entre o local e o estrangeiro, conferindo aos seus textos uma profundidade e complexidade significativa.

Em quarto lugar, os conflitos familiares. Como resultado das mudanças sociais, o

enfraquecimento das estruturas familiares tradicionais, os avanços nos direitos das mulheres e das minorias e a crescente preocupação social com questões psicológicas levaram à proeminência dos conflitos familiares na literatura, presentes na antologia em ficções centradas nos conflitos intergeracionais no seio da família.

Contudo, o exame crítico da antologia revela também algumas limitações:

Em primeiro lugar, a antologia carece de uma maior diversidade relativamente aos protagonistas. Confone o texto «Para inglês ver», de Claire Williams (2017, p. 109),

A seleção final causou polêmica e críticas, em grande parte por causa da falta de diversidade nos autores: na maioria brancos, heterossexuais, do eixo Rio-São Paulo e com ligações fortes à indústria editorial, o que levou um dos tradutores que participaram no projeto, Stefan Tobler (2012), a chamá-los «a geração TAM», por se referir a escritores de classe média e bem viajados.

A antologia é maioritariamente dominada por protagonistas burgueses, sendo a representação de personagens das classes mais baixas ou das minorias, insuficiente. Personagens recorrentes na literatura brasileira das últimas décadas, como os favelados, os afro-brasileiros, os indígenas, os homossexuais e outras maiorias tratadas como minorias não têm voz na antologia, quase não aparecem nela e mesmo quando são mencionados, frequentemente, é apenas de forma apressada.

Em segundo lugar, há desigualdades na seleção dos textos e dos escritores. Por um lado, isso reflecte-se na desigualdade na escolha dos escritores, com insuficiente consideração pela representação de autores de fenómenos como a literatura da periferia, da literatura afro-brasileira ou indígena, entre outros, o que faz com que as vozes das minorias não sejam adequadamente ouvidas e reconhecidas. Desta perspectiva, é notável a desigualdade racial, pois não há escritores negros, indígenas ou de origem árabe ou asiático na antologia. Além disso, tal como já foi referido relativamente à desigualdade de género, há um claro desequilíbrio na proporção de escritoras e personagens femininas em relação às masculinas. A desigualdade

geográfica é, igualmente, notável, pois a maioria dos escritores residem nas cidades desenvolvidas do litoral, o que provoca uma escassa representatividade de outras realidades brasileiras. Por último, é importante destacar a seleção dos escritores da perspectiva editorial, havendo uma maior tendência para integrar escritores que têm relações de colaboração ou outras com a *Granta* ou as duas grandes editoras referidas anteriormente, Companhia das Letras e Alfaguara, evidenciando uma certa hegemonia editorial, pois *Granta*, Companhia das Letras e Alfaguara estão ligadas ao grupo editorial Penguin Random House.

Enfim, apesar das críticas, podemos afirmar que a antologia é, em certa medida, representativa de uma nova geração de escritores, sem entrarmos no debate sobre o adjetivo qualitativo “melhores”, que avalia já no título os autores selecionados, de modo taxativo e controverso. Tal como afirmam a professora e crítica literária galega Carmen Villarino e o escritor brasileiro Luiz Ruffato a respeito da escolha do título da antologia de contos organizada por eles em 2011, *O conto brasileiro contemporâneo*, cujo objetivo é divulgar a literatura brasileira deste lado do oceano, o rótulo “melhores” é questionável: “Não se trata dos "21 melhores contos brasileiros deste momento", porque essa etiqueta traz demasiadas dúvidas e perguntas” (Pardo & Ruffato, 2011, p. 13).

Feita essa ressalva, podemos afirmar também que uma das características mais importantes da literatura brasileira contemporânea pode ser sentida, apesar das ausências e dúvidas assinaladas, na antologia: a sua diversidade. Como afirma Resende, trata-se de um “fator muito positivo, original, reativo diante das forças homogeneizadoras da globalização” (2008, p. 20). Para além disso, pode considerar-se que a situação mundial, em constante e rápida mudança, gera nos sujeitos contemporâneos uma maior confusão sobre a ligação entre o mundo e o eu e revela mais incerteza e variabilidade. Os avanços tecnológicos e o advento da era da informação trouxeram diversidade cultural e uma maior abertura de espírito, e os jovens escritores estão dispostos a experimentar novas formas de expressão para refletir a complexidade e a dinâmica da sociedade da sua época. Ao mesmo tempo, as

suas obras refletem muitas vezes a ascensão do individualismo, realçando a singularidade do indivíduo e a sua insatisfação com a realidade, bem como utilizando as suas criações como instrumento de reflexão sobre a procura da identidade e de questionamento ou crítica dos sistemas de valores tradicionais.

A antologia, graças a essa combinação equilibrada de 'cor local' e temas universais, alcançou o efeito de difusão desejado, com uma dimensão e um impacto internacionais significativos. Num contexto cultural global, a análise das políticas e plataformas culturais confirmam que antologias como a estudada na presente dissertação têm contribuído de forma notável para a divulgação da diversidade da literatura brasileira, e que têm desempenhado um papel positivo na visibilidade e influência internacional da literatura brasileira.

Para concluir, é importante destacar que esta tese também tem algumas limitações. O conhecimento que temos da sociedade brasileira é apenas mediado pelas aulas, as leituras, os meios de comunicação social e a internet. Portanto, sem uma experiência direta, real e aprofundada do sistema literário e da sociedade brasileira, consideramo-nos anões a ombros de gigantes e temos a certeza de que, apesar de todo o esforço de levantamento bibliográfico e todo o nosso cuidado na redação do trabalho, algumas ideias e visões sobre o Brasil referidas na dissertação podem ser parciais, simplificadoras ou, mesmo, preconcebidas.

Em segundo lugar, apesar de a sociedade brasileira e o mundo terem mudado consideravelmente nos últimos anos, como a antologia em estudo foi publicada há mais de dez anos, a dissertação centra-se apenas no período em que a antologia foi publicada e nas décadas imediatamente anteriores, que é o período em que os escritores seleccionados para a antologia viveram. As mudanças nos 10 anos seguintes à publicação da antologia não são discutidas na dissertação, o que leva a uma visão da literatura brasileira que pode ser parcial hoje.

Em síntese, estamos cientes que o presente trabalho não pode – nem deve – tentar definir ou delimitar de modo perfeito a literatura brasileira contemporânea e, a partir desse exercício, analisar a antologia, mas sim pode ser visto como uma tentativa de

entender mais sobre a divulgação e as características da literatura brasileira do século XXI. Ao analisá-la e discuti-la, esperamos ter conseguido transmitir o fascínio que a criação literária contemporânea nos provoca, além de destacar a diversidade e possibilidades que ela oferece e tentar contribuir, modestamente e de modo indireto, para a divulgação da literatura e da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, C. (2012). Teresa. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 159-169
- Antunes, M. A. G. (2018). A circulação da literatura brasileira nos Estados Unidos: o caso da série literatura brasileira em tradução da Tagus Press. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 25(45), 513-528.
- Appadurai, A., 2004. Disjuntura e diferença na economia cultural global. *Dimensões Culturais da Globalização: A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 43-70.
- Arancibia Contreras, J. (2012). A febre do rato. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 136-146.
- Avelar, I. (2003). *Alegorias da derrota. A ficção pós-ditatorial e trabalho do luto na América Latina*. Minas Gerais: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Barbara, V. (2012). Noites de alface. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 100-105.
- Bensimon, C. (2012). Faíscas. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 147-158.
- Braga, M., Lorentz, J., Ferreira, J., Gama, R., Henriques, B., Santana, J. & Calijuri, M. (2023). Política agrária no Brasil: uma análise situacional e socioambiental de projetos de assentamento. *Recife: Revista Brasileira de Geografia*, 68(1), 3-26. DOI: 10.21579/issn.2526-0375_2023_n1_3-26
- Canclini, N. García (2008). *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras.
- Candido, A. (2023). *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Todavia.
- Cardoso, A. M. L. (2009). *Literatura brasileira I*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD.

- Carvalho, J. C. de (2017). Consideração sobre a encenação do contexto sociocultural do Brasil dos anos 80 em “Valdir Peres, Juanito e Poloskei.”, de Antonio Prata. *Revista Contraponto*, 7(10), 117-130.
- Castillo, M. O. dos (2012). Violeta. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 194-201.
- Cerqueira, D., Ferreira, H., Lima, R. S., Bueno, S., Hanashiro, O., Batista, F., & Nicolato, P. (2016). Nota Técnica nº 17. *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Ipea.
- Colomer, T. (2003). *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global.
- Crane, D. (2016). Culture and globalization: Theoretical models and emerging trends. *Global culture*. London: Routledge, 1-25.
- Cuenca, J. P. (2012). Antes da Queda. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 28-38.
- Dalcastagnè, R. (2003). Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *IPOTESI – Revista de Estudos Literários*, 7(2), 11-28.
- _____. (2005). A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, (26), 13-71.
- _____. (2017). *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte.
- Daniel, G. (2012). Apneia. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 61-80.
- Erber, L. (2012). Aquele vento na praça. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 18-27.
- Feith, R., & Ferroni, M. (2012). Introdução. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 4-7.
- Foucault, M. (1977). *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. London: Allen

Lane.

Fraia, E. (2012). Temporada. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 115-124.

Francisco, D. L. (2021). Formas editoriais e literárias de um contemporâneo transcultural: a revista *Granta* em Língua Portuguesa. *Journal of Lusophone Studies*, 6(1), 131-151.

Fuks, J. (2012). O jantar. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 89-99.

Gadelha, D. P. S. (2020). *A configuração do realismo no Brasil: uma possível reconceitualização*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

Geisler, L. (2012). O que você está fazendo aqui. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 39-50.

Grante, R. S. C. P. (2016). *No encalço de novos autores: a edição da revista literária Granta em Portugal*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura do ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa.

González Fernández, H. (2017). Romance de estrada: memória afetiva e sexualidade em Carol Bensimon. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, (50), 84-101.

Houghton, J. W., & Oppenheim, C. (2010). The economic implications of alternative publishing models. *Prometheus*, 28(1), 41-54. DOI: 10.1080/08109021003676359

Jatobá, V. (2012). Natureza-morta. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 202-218.

Kellner, D. (1990). The postmodern turn: Positions, problems, and prospects. *Frontiers of Social Theory. The New Syntheses*. New York: Columbia University Press, 255-286.

_____. (2018). *Television and the Crisis of Democracy*. London: Routledge.

- Lajolo, M. & Zilberman, R. (1984). *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática.
- Laub, M. (2012). Animais. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 8-17.
- Levy, T. Salem (2012). O rio sua. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 219-230.
- Lipovetsky, G. & Juvin, H. (2011). O Reino da Hiperultura. *O Ocidente mundializado – Controvérsia sobre a Cultura planetária*. Lisboa: Edições, 70.
- Lucas, J. I. P. (2012). Os jovens brasileiros e os partidos políticos no século XXI. *V Simpósio internacional sobre a juventude brasileira. Territórios interculturais de juventude*. Recife: Editora Universidade Federal de Pernambuco.
- Luft, G. (2019). A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, (36), 111-130.
- Lyotard, J. F. (1979). *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press.
- Mattoso, C. (2012). Mãe. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 106-114.
- Melo, A. (2002). Geografias do poder no sistema das artes. *Globalização Cultural*. Lisboa: Quimera, 87-122.
- Melo, C. Valim de (2017). Mapping Brazilian Literature Translated into English. *Modern Languages Open*. DOI: <http://doi.org/10.3828/mlo.v0i0.124>
- Mills, S. (2003). *Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism*. London: Routledge.
- Muzart, Z. L. (1995). A questão do cânone. *UFSC: Anuário de Literatura*, 3, 85-94.
- Ouellet, P. (2003). *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB.
- Pardo, C. Villarino (2012). Literatura brasileira contemporânea: o desafio da

exportação. *Romance Notes*, 52(2), 151-164.

Pardo, C. Villarino & Ruffato, L. (2011). Prefácio. Pardo, C. Villarino & Ruffato, L. (Orgs.). *O conto brasileiro contemporâneo*. Santiago de Compostela: Laiovento, 9-14.

Pellegrini, T. (1997). A Literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. *Horizontes*, 15, 325-35.

Perlatto, F. (2017). História, Literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. *Estudos históricos*, 30(62), 721-740. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000300011>

Pinho, F. (2019). Ir embora por vontade própria seria bastante diferente de ser expulso: como e para que textos atuais citam a cidade remodelada da *Belle Époque*. Anais do XV Congresso Internacional Abralic. <https://www.abralic.org.br/anais/?ano=2017>

Prata, A. (2012). Valdir Peres, Juanito e Poloskei. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 81-88.

Resende, B. (2008). A literatura brasileira na era da multiplicidade. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Santo André: Casa da Palavra, 15-40.

Resende, B., & Finazzi Agro, E. (2014). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Revan.

Ribeiro, R. A. & Marques, F. C. A. (2019). Na era da multiplicidade: Fragmentação, intensidade e violência no romance as fantasias eletivas. *Fólio – Revista de Letras*, 11(1), 1003-1019. DOI: <https://doi.org/10.22481/folio.v11i1.5014>

Ricardo, L. (2012). Tólia. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 51-60.

Rodrigues, I. R. (2023). A experiência da eliminação: uma breve análise do medo e da violência legitimados por regimes ditatoriais no conto “O jantar” de Julián Fuks. *Estudos interdisciplinares de linguagem e ensino, vol. II* [ebook]. São José: Editora Realize, 117-129. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92229>

- Rubim, A. A. C. (2010). Políticas culturais e novos desafios. Santos, M. L. L. dos e Pais, J. M. (Orgs.). *Novos trilhos culturais – Práticas e políticas*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 249-272.
- Saavedra, C. (2012). Fragmento de um romance. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 186-193.
- Santos, M. A. F. dos, & Monteiro, A. N. (2021). *Estudos de literatura brasileira contemporânea: múltiplos diálogos v. 1*. Tutóia: Editora Diálogos.
- Sarmatz, L. (2012). Você tem dado notícias? *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 170-185.
- Scheibel, G. L. (2022). Mulheres e literatura: um olhar para a literatura de autoria feminina publicada pela revista *Granta*. *Mafuá*, 37,1806-2555.
- Schöllhammer, K. E. (2009). *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sugnet, C. (1991). Vile Bodies, Vile Places: Traveling with *Granta*. *Transition*, (51), 70-85. DOI: doi.org/10.2307/2935079
- Vasconcelos, C. E. (2008). Mediação de conflitos e práticas restaurativas. São Paulo: Método.
- Vieira, W. (2017). Pacto com o diabo: Ricardo Lísias e a autoficção contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, (51), 182-205.
- Williams, C. (2017). «Para Inglês Ver»: Translations of Contemporary Brazilian Literature in the Age of the Megaevents. *Abriu: estudos de textualidade do Brasil, Galicia e Portugal*, (6), 105-132.
- Xavier, I. (2017). *Sétima arte: um culto moderno: o idealismo estético e o cinema*. São Paulo: Edições Sesc.
- Xerxenesky, A. (2012). F para Welles. *Granta 9: Os melhores jovens escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 125-135.

WEBGRAFIA

A chacina da Candelária. *Rede Globo*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GIJ0-5257-230928,00.html>

Araújo, A. de (31 de março de 2023). Chacina da Baixada completa 18 anos e ditadura nas favelas e periferias permanece. *Brasil de fato*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://www.brasildefatorj.com.br/2023/03/31/chacina-da-baixada-fluminense-completa-18-anos-e-ditadura-nas-favelas-e-periferias-permanece>

Brazilian Publishers. (5 de outubro de 2018). Brazilian authors series: Carol Bensimon. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://brazilianpublishers.com.br/en/noticias-en/brazilian-authors-series-carol-bensimon/>

Bressane, R. (22 de julho de 2012). Jovens, enlouqueçam. *SeLecT – Arte e Cultura Contemporânea*. Recuperado em 15 de junho de 2024, de <https://select.art.br/jovens-enlouquecam/>

Charity Commission of Granta Trust. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://register-of-charities.charitycommission.gov.uk/charity-details/?regid=1184638&subid=0>

Comunidade Cultura e Arte (7 de maio de 2018). Vem aí a ‘Granta em Língua Portuguesa’, com publicação simultânea em Portugal e no Brasil. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://comunidadeculturaearte.com/vem-ai-a-granta-em-lingua-portuguesa-com-publicacao-simultanea-em-portugal-e-no-brasil/>

Garfield, S. (30 de dezembro de 2007). From student rag to literary riches. *The Guardian*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://www.theguardian.com/books/2007/dec/30/culture.features>

Granta about. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://granta.com/about/>

McCrum, R. (27 de maio de 2012). Granta goes global and shows a way forward. Jornal: *The Guardian*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://www.theguardian.com/books/2012/may/27/granta-global-brand-mccrum>

Montes, J. (19 de novembro de 2012). On Emilio Fraia. *Granta*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://granta.com/javier-montes-on-emilio-fraia/>

Revista *Granta* lança coletânea com brasileiros. *Diário do Grande ABC*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://www.dgabc.com.br/Noticia/45340/revista-granta-lanca-coletanea-com-brasileiros>

Owusu, D. (14 de agosto de 2023). Entrevista: Granta said I was one of the futures of British novel writing. It didn't feel like that. Revista: *GQ Magazine*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://www.gq-magazine.co.uk/article/granta-british-novelist-list-2023-fallout>

Rohrer, L. (2012, setembro 3). Granta expands its foreign editions. *The New York Times*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://www.nytimes.com/2012/09/04/books/granta-expands-its-foreign-editions.html>

Salman, P. (4 de agosto de 2013). Review of *Granta 121: The Best of Young Brazilian Novelists*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://www.dawn.com/news/1033399>

Schwarz, R. (7 de setembro de 1997). Uma aventura artística incomum. *Folha de S. Paulo*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/07/mais!/24.html>

Sobre a Granta: Granta em Língua Portuguesa. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <http://granta.tintadachina.pt/history.php>

Sobre nós: Tinta-da-China Brasil – a editora de livros da Quatro Cinco Um. Recuperado em 20 de maio de 2024, de

<https://www.tintadachina.com.br/quem-somos/>

Torres, B. (7 de julho de 2017). Nova 'Granta' terá edição simultânea em Portugal e no Brasil. *O Globo*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/nova-granta-tera-edicao-simultanea-em-portugal-no-brasil-21541596>

Waddell, J. (2023, abril 26) A Brief (And Fading) History of Literary Cohorts. *Art Review*. Recuperado em 20 de maio de 2024, de <https://artreview.com/a-brief-history-of-literary-cohorts-granta-best-of-young-british-novelists-5/>